Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 26.5.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 647 / € 2,00 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

LOIC VENANCE / AFP

FESTIVAL DE CINEMA DE CANNES

Miguel Gomes ganha Prémio de Melhor Realização com *Grand Tour*

PÁGS. 22-23

PALMA DE OURO FOI PARA *ANORA*, UMA FÚRIA AMERICANA

O DIGITAL TEM UMA PEGADA AMBIENTAL IGUAL À AVIAÇÃO

TECNOLOGIA Ao enviar um *e-mail* ou uma fotografia estamos a ativar dezenas de *data centers*, que consomem quantidades enormes de energia e emitem CO_2. O mundo digital, no seu todo, é responsável por 3% das emissões e é o 4.º maior consumidor de energia a seguir à China, EUA e Índia. A IA só veio agravar o cenário.

PÁGS. 10-11

SOFIA MOREIRA DE SOUSA

REPRESENTANTE DA COMISSÃO EUROPEIA EM PORTUGAL

"Desde que acordamos até irmos dormir, tudo é impactado por decisões tomadas na UE pelos nossos representantes. Se não os elegermos, alguém o fará por nós"

PÁGS. 3-5

MADEIRA

CNE repete avisos contra "propaganda", transportes "proibidos" e votos "acompanhados"

PÁGS. 6-7

TENSÃO

Bombeiros acusam presidente da Proteção Civil de "desrespeito" sobre um eventual Comando Nacional

PÁG. 12

GUERRA

Israel entre os ataques em Rafah e o regresso às negociações

PÁG. 15

PROVA DE VIDA

Rui Mateus

PÁGS. 24-26

OPINIÃO

RAIMUNDO CARREIRO SILVA

EMBAIXADOR

A comunidade brasileira em Portugal e as relações luso-brasileiras

PÁG. 9

Até ver...

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

Para onde quer ir a África do Sul?

Durante décadas o braço armado do Congresso Nacional Africano (ANC), o *uMkhonto we Sizwe* desapareceu naturalmente nos Anos 1990, quando o regime supremacista branco do *Apartheid* cedeu lugar a uma democracia multirracial na África do Sul, sob a liderança de Nelson Mandela. Por isso, o regresso no ano passado deste nome (que em língua *xhosa* significa "Lança da Nação"), agora como designação de um partido político, diz muito sobre a situação hoje na África do Sul, país que na quarta-feira vai a votos mergulhado num marasmo económico que frustra as esperanças de grande parte da população e põe em causa o domínio do ANC que existe desde as eleições históricas de 1994.

Pela primeira vez, o partido de Mandela deverá ficar aquém da maioria absoluta no Parlamento, ao qual cabe eleger o presidente. Muitas das culpas pela degradação são de Jacob Zuma, antigo presidente sul-africano, que depois de cortar com o ANC fundou o *uMkhonto we Sizwe* num gesto de desafio.

Preso durante 27 anos, até à sua libertação em 1990 que levou às negociações que puseram fim ao *Apartheid*, Mandela surpreendeu por evitar o revanchismo contra a minoria branca e ao dar, depois, um importante sinal aos seus sucessores à frente do país (para não se deixarem corromper pelo poder) ao recusar candidatar-se a um segundo mandato presidencial. Se era difícil que os presidentes seguintes fossem do mesmo calibre moral, a verdade é que foi a passagem de Zuma pela Presidência que se revelou desastrosa, para a África do Sul, como para o ANC.

Envolvido em constantes escândalos de corrupção, o homem que foi presidente entre 2009 e 2018 desmentiu as acusações e agarrou-se ao poder com unhas e dentes, e só perdeu a liderança do partido para Cyril Ramaphosa por escassa margem, apesar do prestígio deste. Antigo sindicalista reconvertido em homem de negócios, tem cabido a Ramaphosa apagar a má memória da era Zuma, mas a verdade é que o legado de má gestão deixado pelo antecessor se reflete hoje em problemas tão diferentes como as quebras de abastecimento de eletricidade ou a altíssima taxa de homicídios. E a economia quase não crescer (0,8% em média anual na última década), impossibilita que a promessa de uma sociedade próspera, mas mais justa, menos desigual, tarde a concretizar-se, pois, mesmo que medidas de discriminação positiva tenham criado uma classe média negra e até uma elite empresarial negra, a população branca, descendente de colonos holandeses e britânicos, continua em média muito mais rica do que a maioria negra.

Com este cenário, não admira que o prestígio do ANC tenha vindo a diminuir, com cada vez mais eleitores a sentirem-se livres do compromisso de votar no partido de Mandela.

Este novo *uMkhonto we Sizwe* não é sequer a primeira cisão importante, pois já antes os Combatentes pela Liberdade Económica, partido criado por Julius Malema, tiraram votos ao ANC, apostando num discurso de denúncia da concentração da riqueza na minoria branca. Juntos, *uMkhonto we Sizwe* e o partido de Malema poderão conseguir dia 29 perto de 20% dos votos, o que se refletirá no resultado do ANC, provavelmente pela primeira vez abaixo dos 50%.

Ramaphosa tem grandes possibilidades de se manter presidente negociando apoios, até porque a Aliança Democrática, a principal força da oposição, sente dificuldade em fazer avanços no eleitorado negro, pois apesar da diversidade racial dos candidatos continua a ser visto como o partido dos brancos. Mas se uma fragmentação do ANC era desde o primeiro momento previsível, com o movimento anti-*Apartheid* a dar, pouco a pouco, lugar a várias correntes ideológicas, o modo como esta está a acontecer prejudica as ambições da África do Sul de se manter a mais dinâmica das economias africanas. E também de ser uma espécie de líder do Sul Global (campanha pela vacinas durante a covid, presidência dos BRICS em 2023, ações judiciais contra Israel) procurando capitalizar a natureza democrática do país, a admiração geral pela luta contra o *Apartheid* e o prestígio inabalável de Mandela, que morreu em 2013.

África do Sul procura capitalizar a natureza democrática do país, a admiração geral pela luta contra o *Apartheid* e o prestígio inabalável de Mandela para se afirmar como líder do Sul Global."

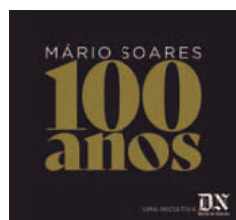
Um segundo mandato de Ramaphosa será marcado pela forma como este liderar primeiro que tudo o ANC, redefinindo-o mais à esquerda ou mais à direita, e a opção que tomar, cada qual com os seus riscos, acabará por determinar se a África do Sul recupera ou não o otimismo de outros tempos. A favor de Ramaphosa, do partido e do país, está o grande potencial da África do Sul, sobretudo se esta se sentir mais inspirada por figuras como Mandela e Frederick De Klerk, o último presidente da era do *Apartheid* e depois vice-presidente após as eleições multirraciais, do que pela retórica confrontacional de Zuma ou Malema, que jogam nas frustrações da população sem serem capazes de apresentar quaisquer soluções.

OS NÚMEROS DO DIA

1 000 000
DE DOENÇAS INFECCIOSAS
foram registadas em Gaza desde a ofensiva de Israel, após os ataques terroristas de 7 outubro, segundo divulgou ontem o Ministério da Saúde da região, controlado pelo Hamas. A maioria dos casos são de hepatite A.

30
MORTOS
e 60 feridos, na sua maioria mulheres e crianças, foi o balanço do fogo cruzado ocorrido na sexta-feira e sábado (ontem) entre o grupo paramilitar Forças de Apoio Rápido (FAR) e o Exército do Sudão em Al-Fashir, último bastião das Forças Armadas na região do Darfur segundo comunicou a Sala de Emergências de Al-Fashir.

100
MILHÕES DE € DE "BURACO"
é quanto o fundador da Benetton, Luciano Benetton, assumiu que a empresa tem no orçamento, adiantando que terão de ser "feitos sacrifícios", quando se prepara para abandonar o cargo de presidente.

10
MIL IMIGRANTES
chegaram ao Reino Unido através do Canal da Mancha desde o início do ano, número recorde alcançado em plena campanha para as Eleições Legislativas no país. A imigração ilegal é uma questão importante na campanha que começou oficialmente na quarta-feira.

26.5.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

Sofia Moreira de Sousa

"Desde que acordamos até irmos dormir, tudo é impactado por decisões tomadas na UE pelos nossos representantes. Se não os elegermos, alguém o fará por nós"

ELEIÇÕES A duas semanas das Europeias (6 a 9 de junho. Portugal vota a 9), o DN foi conversar com Sofia Moreira de Sousa. A representante da Comissão Europeia em Portugal mostrou-se confiante numa maior participação, lembra que ir às urnas, sobretudo com hipótese de o fazer em qualquer local, não é um grande esforço. Falou ainda das ameaças de ingerência, da possível subida da extrema-direita e dos desafios para os próximos cinco anos. E de como o tempo que passou fora do país lhe ensinou a apreciar mais os valores e oportunidades que a UE dá.

ENTREVISTA **HELENA TECEDEIRO** FOTOS **PEDRO ROCHA / GLOBAL IMAGENS**

Estamos a duas semanas das Eleições Europeias e este ano, além de se poder votar por antecipação, também se pode votar em mobilidade. Apesar destes esforços, a abstenção ainda é o maior desafio nestas eleições?
A abstenção tem sido um grande desafio nas Eleições Europeias. Nas últimas, em 2019, Portugal teve uma grande abstenção, até em contraciclo com a média europeia. Particularmente nos jovens, em que a taxa de participação foi muito baixa e, daí, termos vindo a redobrar esforços a nível das instituições europeias. Nós aqui, na representação da Comissão Europeia, e os colegas do gabinete de ligação do Parlamento Europeu (PE), temos trabalhado com universidades, com associações, com as autarquias e também com as autoridades nacionais para contrariar esta grande abstenção dos portugueses. E espero sinceramente que desta vez tenhamos melhores resultados.

Os portugueses são dos mais pró-europeus dos 27, basta olhar para o último *Eurobarómetro*, no entanto não vão votar. Como é que explica esta contradição?
Uma das razões que pode justificar esse facto é as pessoas acharem que a União Europeia (UE) é algo garantido, como o ar que respiramos. Acima de tudo, é importante mobilizar as pessoas para que percebam, primeiro, que a UE não é um dado garantido – é um projeto em construção. Temos assistido a um reforço e um aprofundamento desta união entre os Estados-membros nas últimas décadas, até na forma como fomos respondendo a crises sucessivas, mas o *Brexit* mostrou-nos que não o podemos dar como garantido; que a UE tanto se pode construir como destruir. O primeiro ponto é contrariar este sentimento de que a UE existe, está lá, e eu votar ou não votar, não faz a diferença. O segundo, é captar a atenção das pessoas no sentido de que a UE não é algo permanente, é dinâmico, vai ser o que nós quisermos e, portanto, a nossa ação ou inação terá consequências. Um outro aspeto, muito importante, é transformar a perceção que as pessoas têm de que o seu voto não vai fazer a diferença. Se todas as pessoas pensassem assim, ninguém ia votar. E aí a diferença fica feita, porque vai sempre haver alguém que vai votar e os que forem vão decidir por aqueles que não vão.

Hoje é mais difícil captar a atenção das pessoas?
Captar a atenção das pessoas é extremamente difícil num mundo em que existe tanta coisa a acontecer e tantos canais de informação. É difícil encontrar uma janela de atenção, sobretudo para um tema que é complexo. É preciso captar a atenção, transformar depois a in-

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

formação passada em conhecimento, para perceberem melhor o funcionamento da UE, a influência que tem nas suas vidas e como é que podem decidir o seu futuro. É preciso esta tomada de consciência de que 70 ou 80% da legislação nacional é derivada da adotada no PE após proposta da Comissão e, portanto, que, desde que acordamos até que vamos para a cama, tudo no nosso dia a dia é impactado por decisões tomadas a nível da UE pelos nossos representantes. Ora, se nós não os elegemos, alguém o fará por nós.

Muitas vezes os temas debatidos nestas campanhas são mais nacionais do que europeus. Tem visto um maior esforço para mudar isso desta vez?

Diria que sim. Temos assistido realmente a um esforço. E gostava de deixar uma palavra de agradecimento à comunicação social que tem trazido mais os temas europeus. Claro que, no contexto nacional, temos um Governo recentemente eleito, e haverá sempre temas nacionais em cima da mesa, mas tem havido uma preocupação de discutir alguns dos temas europeus – a necessidade de trabalharmos mais numa moldura de defesa comum, o alargamento e a preparação das reformas que é necessário fazer para o enfrentarmos, a implementação da dupla transição ecológica e digital, a questão das migrações, mas também questões sobre como será o orçamento no futuro da UE para fazer face a estes desafios. Portugal elege 21 dos 720 que irão compor o próximo PE, e é extremamente importante os eleitores terem conhecimento das posições dos candidatos nas diferentes políticas temáticas. As pessoas aperceberam-se da importância do PRR, dos fundos de coesão, e está ainda muito presente como a UE foi capaz de dar resposta à pandemia, quer sanitária, quer na compra e distribuição conjunta de vacinas, a resposta a nível financeiro, o ir aos mercados, os 800 mil milhões de euros a nível da UE para fazermos os planos nacionais que permitem um novo dinamismo na economia. Após a pandemia, as economias dos 27 continuaram a funcionar, não houve a estagnação que se previa. Depois foi a resposta da UE à invasão da Ucrânia pela Rússia. No apoio aos refugiados, no apoio humanitário, mas também no apoio militar, no apoio financeiro e no repensar da nossa autonomia energética. Está muito presente que afinal não é só sobre fundos, a UE demonstrou que quando os valores fundamentais são atacados, somos capazes de nos unir e dar uma resposta coordenada, conjunta e forte. Pessoalmente acredito que esta guerra horrível, injustificada, fez-nos perceber que este espaço de dignidade, de igualdade, de liberdade, de democracia, de Estado de Direito, merece ser protegido. Há um acordar de muitas pessoas. E se a luta é ir às eleições e pôr uma cruzinha, se a defesa dos valores europeus passa por se deslocar a uma mesa de voto e fazer uma escolha consciente, o esforço não é assim tão impossível.

Uma das preocupações nestas eleições é uma eventual ingerência estrangeira. Portugal partilha dessa preocupação?

É algo que preocupa os 27, que deve preocupar todos. Uma ingerência planeada e com a intenção de influenciar o resultado das eleições não é nada de novo, testemunhamos isso em eleições pelo mundo fora e até em muitos dos países da UE que tiveram eleições a nível nacional. Temos as ingerências clássicas de financiamentos de campanhas, mas também o aproveitamento das redes sociais e dos meios de comunicação. Uma ingerência de que, às vezes, as pessoas não se dão conta, que passa por aproveitar as plataformas digitais para influenciar com notícias erróneas, com factos que não são factos, com mentiras, com o intuito de causar um dano à nossa coesão social. Temos assistido também a um esforço muito grande de polarização por todo o lado na Europa e esta preocupação existe em todas as capitais, em todos os países e em Portugal também. Aquilo que temos vindo a fazer, de há uns anos para cá, por parte da UE, é pensar nos nossos valores e como assegurarmos que estes valores são refletidos nos processos eleitorais. Um grupo muito importante para podermos ter eleições livres e democráticas é a comunicação social. Neste sentido, tem havido legislação na proteção da liberdade da comunicação social, no sentido de proteger a litigância excessiva contra jornalistas, de assegurar a transparência na propriedade dos meios de comunicação, porque o que acontece muitas vezes é que temos entidades externas com uma agenda própria que adquirem meios de comunicação para influenciar a linha editorial. Há uma aposta na criação de um observatório europeu dos meios de comunicação digital. Um apoio à criação e financiamento de entidades que fazem *fact-checking*. Temos também um empenho por parte do Eurostat de fornecer estatísticas e dados no espaço de uma hora, quando é questionado sobre a veracidade de certos factos. Temos o Fundo Europeu para a Comunicação Social e Informação, que apoia esforços de colaboração para desmascarar a desinformação, ampliar a verificação independente de factos. Mas passa muito também pela educação cívica, pela necessidade de as pessoas pensarem, quando leem algo ou veem uma imagem, antes de partilhar, de verificar a fonte e de fazerem uma análise introspetiva. Por que é que isto me aparece agora? Qual é o objetivo? Incentivar, acima de tudo, o pensamento crítico. Em muitos países da UE sabemos bem de onde vem esta interferência e que passa por fazer com que forças que venham a minar a Constituição Europeia sejam eleitas e tenham grande presença.

Falamos muitas vezes nos custos do alargamento, mas esquecemo-nos dos custos do não--alargamento. Como seria e onde estaríamos se há 20 anos não tivéssemos alargado e não tivessem entrado os países que hoje estão no flanco leste da UE? Onde estariam hoje os países bálticos se não estivessem na UE? E onde estaríamos nós? Porque a UE é tão mais forte, quanto maior for o seu mercado único, mas acima de tudo quanto maior for o número de cidadãos, de Estados.

Se acreditarmos nas sondagens e olharmos para as recentes eleições em vários países europeus, Portugal incluído, é de esperar um crescimento da extrema-direita no Parlamento Europeu e nas instituições europeias no geral?

Não me cabe especular sobre os resultados das eleições a 9 de junho. Sabemos que temos 720 eurodeputados, e que haverá grupos políticos com representantes de muitas visões da Europa e do mundo. O próprio PE, atualmente, espelha essa multitude de visões. Eu estou bastante confiante de que na próxima legislatura, tal como até agora, se avance através de negociações e de compromissos para se encontrar soluções. Forças que tenham metodologias opostas a estas vão dificultar, se não mesmo, em algumas matérias, inviabilizar a tomada de decisões. Posto isto, eu acho que a UE já nos surpreendeu muitas vezes e que temos muito mais que nos une do que aquilo que nos afasta. Nos 720 lugares no PE – a casa da democracia, um Parlamento eleito por sufrágio direto –, acredito que vamos encontrar formas de os diferentes grupos políticos se sentarem e encontrarem soluções. Na UE os processos de tomada de decisão levam tempo, são complexos, envolvem todas as instituições e os cidadãos são representados a vários níveis. Desde já a nível dos seus eleitos no PE, mas também dos seus Governos, porque o órgão que toma as decisões políticas mais relevantes é o Conselho Europeu, e aí estão representados os Estados-membros, mas também no Colégio de Comissários, que novamente espelha os 27, porque cada país propõe o seu comissário. Temos conseguido encontrar soluções de consenso para os grandes desafios, em que se cede de um lado, força-se do outro. E quando estamos todos *on board* e conseguimos encontrar um acordo em que todos nos revemos de alguma forma, as soluções são muito mais viáveis.

Um dos desafios para os próximos anos é o alargamento, o que pode tornar todos esses processos ainda mais difíceis. Alargar implica necessariamente a reforma das instituições europeias?

Reforma das instituições europeias é algo que terá de acontecer com ou sem alargamento, porque o mundo mudou e os desafios que temos pela frente exigem adequarmos as nossas capacidades de resposta. Vamos ter, em breve, algumas propostas para a competitividade apresentadas pelo ex-primeiro-ministro italiano e ex-presidente do Banco Central Europeu, Mario Draghi, que vão dar origem a uma discussão e à tomada de decisões no próximo mandato. Temos de pensar como vamos continuar a implementar a nossa liderança na luta contra as alterações climáticas e na transição verde e transição digital. Também na área da Inteligência Artificial (IA). Fomos pioneiros na legislação da IA, mas esta terá de ser adaptada e teremos de ver como as coisas evoluem para sermos capazes, a nível legislativo, de assegurar a proteção ao consumidor e de explorar as potencialidades máximas da IA. Portanto, é necessário uma reforma. Obviamente esta necessidade acaba por ser ainda mais urgente tendo em conta a perspetiva de alargamento aos países que neste momento têm estatuto de candidatos. Falamos muitas vezes nos custos do alargamento, mas esquecemo-nos dos custos do não-alargamento. Como seria e onde estaríamos se há 20 anos não tivéssemos alargado e não tivessem

entrado os países que hoje estão no flanco leste da UE? Onde estariam hoje os países bálticos se não estivessem na UE? E onde estaríamos nós? Porque a UE é tão mais forte, quanto maior for o seu mercado único, mas, acima de tudo, quanto maior for o número de cidadãos, de Estados. E só temos uma palavra a dizer a nível mundial, quando temos dimensão para o poder fazer. Ora foi com os sucessivos alargamentos que fomos ganhando peso, que fomos consolidando a democracia de quem está e de quem entra. O alargamento é uma questão existencial, porque se não acontecer, ficamos muito mais frágeis. Os países que entram vão ter uma proteção no sentido de consolidação de reformas, de luta contra a corrupção, de transparência, de Estado de direito, vão ter mais possibilidade de crescimento, com a entrada no mercado único, com as quatro liberdades [livre circulação de pessoas, bens, serviços e capitais]. Isto implica um trabalho de quem quer entrar, que tem que implementar reformas, e algumas bastante duras, mas também reformas e alterações em quem os recebe. Temos de arrumar a casa para podermos receber os novos convidados.

Já falámos do covid, da guerra na Ucrânia, que balanço faz dos últimos cinco anos, com Ursula von der Leyen na presidência da Comissão, e quais os grandes desafios para o próximo mandato?
Nestes últimos anos, enfrentámos desafios à escala mundial que muito poucas pessoas podiam imaginar e conseguimos dar resposta. A grande lição é que, unidos, conseguimos vencer. Tivemos ameaças existenciais, seja uma pandemia, seja a guerra provocada pela Rússia, esta invasão contra todos os princípios da Carta das Nações Unidas. Foram duas ameaças em que foi preciso uma resposta clara, determinada. Porque, se começamos a remar uns para cada lado, vamos ao fundo. Quais são os valores que nos movem? Como é que os vamos proteger? Tendo esta direção, temos instituições que oferecem a moldura para a cooperação. Mas tem de haver uma união política forte dos 27. Nestes últimos anos, apesar das divergências e das diferentes ideologias, conseguimos união no que é essencial, que é quando os valores na base da criação da UE estão sob ataque. Neste sentido, estou bastante otimista para o futuro, porque acho que temos uma capacidade de resiliência, de luta e de defesa, quando é a nossa sobrevivência a estar em causa, em que vamos conseguir encontrar soluções.

E os desafios?
É muito difícil pensar nos desafios que vamos ter pela frente, porque seguramente muitos aparecerão que nós não conseguimos sequer imaginar, mas sabemos já os que temos em cima da mesa e que exigem que continuemos a encontrar soluções. Penso no alargamento, de que já falamos, nas reformas necessárias para este alargamento, que pode ser, como diz a presidente Von der Leyen, um catalisador do progresso. Temos a cooperação em matéria da Defesa. Torna-se claro que temos de poder contar connosco, com os 27, independentemente do que se passe no mundo. Os primeiros passos estão dados, mas é preciso implementar e haver maior cooperação nesta matéria. Temos de continuar a implementação da transição ecológica e energética. Depois temos a questão da migração, que está para ficar. O *Pacto das Migrações* foi adotado há pouco e é a melhor moldura possível, acordada entre os 27. Mas agora temos de passar à implementação e continuar com possíveis acrescentos que possam surgir nesta matéria. Temos a questão da competitividade da economia europeia, face aos blocos americano e chinês. Como já referi, vamos ter agora uma proposta de estratégia de competitividade, liderada por Mário Draghi, que será apresentada, provavelmente, este verão. Nos próximos cinco anos temos de pensar como é que podemos melhorar o mercado único, que é o motor da economia europeia. Porque tudo isto só é possível se continuarmos com uma economia a crescer. Por último, um tema também horizontal vai ser a questão do Orçamento da UE, ou seja, que meios devemos ter para fazer face a todas estas prioridades, que tipo de receitas novas, que tipo de despesas novas devemos ter para alcançar os objetivos a que nos propomos. Se pensarmos que, atualmente, as receitas da UE são constituídas por apenas 1% do PIB de cada país, e quando pensamos em tudo aquilo a que a UE é chamada a dar a resposta e a contribuir, temos de mudar. Obviamente, nem todos concordam em aumentar as contribuições, mas todos concordam em receber mais, ou que a UE esteja mais ativa e dê resposta a estes desafios. E, portanto, vamos ter de descobrir e investir em fontes de receitas.

A Sofia foi diplomata da UE em vários países – Cabo Verde, África do Sul, no Cáucaso. O que é que as pessoas achavam da União Europeia?
Falou no Cáucaso, acho que podemos pegar no que está a acontecer agora na Geórgia, em que temos pessoas com as bandeiras da UE nas ruas, todas os dias. Independentemente dos jatos de água, continuam com bandeiras. Quando vemos aquelas fotografias no início da guerra na Ucrânia, de pessoas mortas no chão, a segurar um porta-chaves com o símbolo da UE, eu acho que temos de pensar realmente no que é que a UE representa neste mundo. E representa os valores que nos comprometemos a defender, a dignidade da vida humana, a não-discriminação, a justiça, a igualdade, o Estado de Direito, mas sobretudo a dignidade da vida humana. Não há outro espaço no mundo inteiro que tenha o mesmo nível de proteção de direitos individuais. Perfeito? Não é. É um projeto em construção, não é perfeito e, daí, precisarmos todos de nos envolver e de participar. Mas sempre que surge um problema, temos mecanismos democráticos de negociação que nos permitem encontrar soluções. E posso dizer que, mesmo tendo vivido e trabalhado em países que têm um olhar muito crítico, nomeadamente sobre a nossa política externa, muitas pessoas com quem fui falando disseram-me que o ponto forte da UE são os valores. Isto para mim foi muito interessante, porque eu pensava que a UE, sendo um polo de crescimento económico, seria isso o que mais atraía as pessoas de fora. Mas não, é a oferta de Educação, de Saúde, de Estado Social, conjugado com uma economia que funciona, com oportunidades de emprego, que atrai na UE. E passei a ver a UE de forma diferente. Estive em 2004 na *Revolução Laranja*, na Ucrânia, em que as pessoas, jovens principalmente, foram para a rua, com temperaturas negativas e com bandeiras da UE, e eu pensava, o que é isto? Porquê bandeira da UE? E eles diziam – como dizem hoje – que o que os faz lutar é a perspetiva da UE, de se poderem juntar a este clube de democracia em que os direitos individuais são protegidos. Esta proteção da vida humana é algo invejável. Nós estamos tão dentro da UE e há tantos desafios e tanto a fazer, que nos esquecemos do que temos. Achamos que nos podemos dar ao luxo de não votar. Em muitos países as pessoas não vão votar porque sabem que os resultados já estão condicionados ou não há possibilidade de voto, de dizer o que se pensa, de escolher a vida que os seus filhos poderão vir a ter ou possibilidade de estudar, de contribuir para a sociedade. Portanto este misto de liberdade e de proteção da dignidade da vida humana são valores que guiam a UE. A mim convenceu-me que temos algo de que nos devemos orgulhar muito, algo que temos de defender, porque não conheço mais nenhum outro projeto mundial com estas características. E, um ponto final: com a questão da migração falamos muitas vezes da proteção das fronteiras e do difícil equilíbrio entre acolher quem realmente precisa *versus* a segurança do espaço europeu e a luta contra os traficantes de seres humanos. A única entidade que aboliu fronteiras foi a UE! E se em tanta parte do mundo as pessoas dão a vida para chegar à UE, como é que nós,no espaço europeu, não nos damos conta da sorte que temos de ter havido pessoas que tiveram esta visão de que, se trabalharmos em conjunto, conseguimos superar desafios e viver em paz e prosperidade?

"A única entidade que aboliu fronteiras foi a UE! E se em tanta parte do mundo as pessoas dão a vida para chegar à UE, como é que nós, no espaço europeu, não nos damos conta da sorte que temos de ter havido pessoas que tiveram esta visão de que, se trabalharmos em conjunto, conseguimos superar desafios e viver em paz e prosperidade?"

A própria Sofia é um produto da UE – fez Erasmus na Alemanha, viveu em Hamburgo, Trier, Bruxelas, é casada com um britânico e irlandês. Essa é uma oportunidade que a UE oferece, podermos viajar e conhecer outras pessoas e realidades, sem fronteiras?
Sem dúvida, eu testemunho isso todos os dias em casa. Para as minhas crianças, a nacionalidade por vezes é difícil de definir. Viajaram por tantos sítios, viveram fora da UE. Encontramos cada vez mais pessoas que têm uma experiência de vida fora do seu país. É uma riqueza cultural enorme termos esta diversidade no próprio espaço dos 27, mas também as oportunidades que temos de viajar e trabalhar fora da UE. A UE dá-nos um leque de oportunidades incrível. Nasci em Portugal, cresci em Portugal, adoro o meu país, mas a UE… A UE são as pessoas, não são as instituições, são os 27 Estados-membros e dá-nos uma oportunidade incrível que muitos dos nossos antepassados nem em sonhos pensaram ser possível existir.

Os candidatos

Decisão As eleições antecipadas ocorrem oito meses após as recentes Regionais, depois de o Presidente da República ter dissolvido o Parlamento madeirense, na sequência da crise política de janeiro. O líder do Governo PSD/CDS demitiu-se após ter sido constituído arguido num processo em que são investigadas suspeitas de corrupção. Há 14 candidaturas.

LIANA REIS
R.I.R.

RAQUEL COELHO
PTP

EDGAR SILVA
CDU

MARTA SILVA SOUSA
Livre

ROBERTO ALMADA
BE

ÉLVIO SOUSA
JPP

PAULO CAFÔFO
PS

ELEIÇÕES REGIONAIS

CNE repete avisos contra “propaganda”, transportes “proibidos” e votos “acompanhados”

MUDANÇA OU CONTINUIDADE?

254 522 eleitores (249 075 na Ilha da Madeira e 5447 na Ilha de Porto Santo) decidem hoje quem vai governar a Madeira. Há mais 657 eleitores registados em relação às ultimas Regionais de setembro do ano passado: mais 556 na Madeira e mais 101 no Porto Santo.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

Desde 1976 que o PSD vence as Eleições Regionais na Madeira. Até 2015 com maioria absoluta e, desde aí, com coligações pós-eleitorais: em 2019 com CDS e em 2023 com CDS e PAN. 17 500 dias de poder e três presidentes: Ornelas Camacho (de novembro de 1976 a março de 1978), Alberto João Jardim (até 20 abril de 2015) e Miguel Albuquerque.

E este ano, oito meses depois das últimas eleições, após a demissão de Albuquerque, o aviso da Comissão Nacional de Eleições (CNE) repete-se: “Não podem ser transmitidas notícias, reportagens ou entrevistas que, de qualquer modo, possam ser entendidas como favorecendo ou prejudicando um concorrente às eleições, em detrimento ou vantagem de outro.”

E a explicação é simples: “A propaganda envolve toda a atividade passível de influenciar, ainda que indiretamente, o eleitorado quanto ao sentido de voto (...), independentemente de se destinar ou não ao ato eleitoral em concreto” – o que abrange notícias sobre a governação e a “publicitação de ações, eventos, obras ou programas que não decorram de estrita necessidade ou interesse público [improváveis num domingo de eleições e de difícil justificação] e que consubstanciem a promoção de uma atitude dinâmica e favorável quanto ao modo como prosseguiram ou prosseguem as suas competências e atribuições e, por essa via, sublinhe o especial merecimento da força política respetiva, são suscetíveis de violar os referidos deveres especiais de neutralidade e de imparcialidade”.

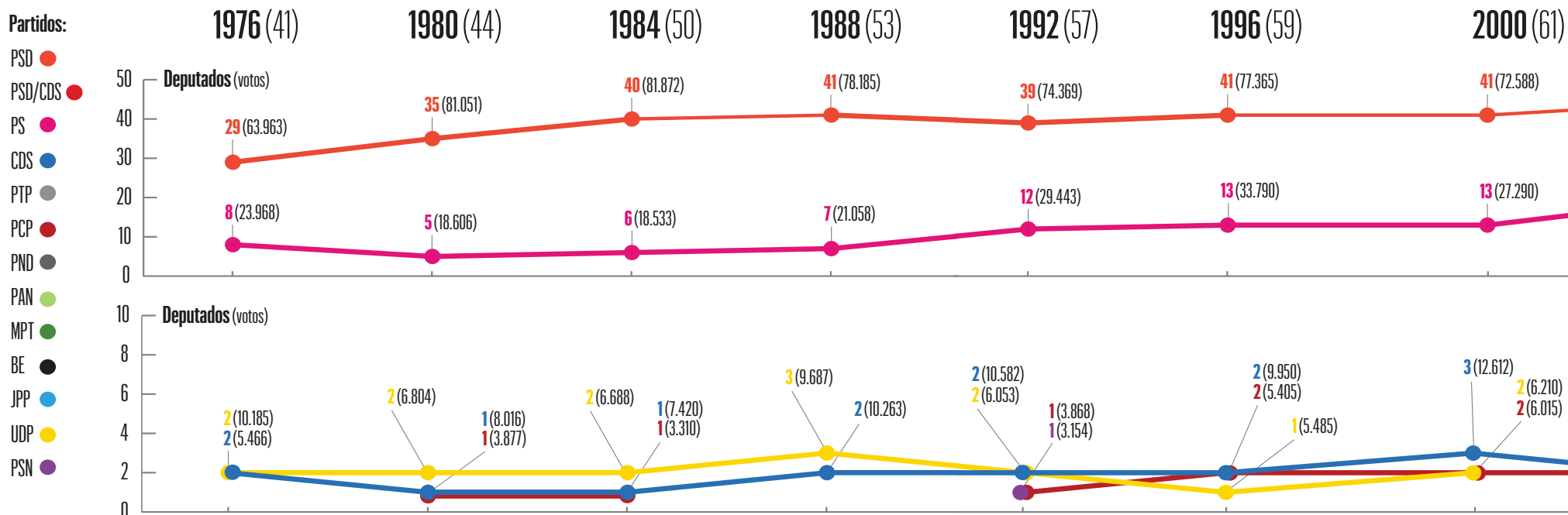
No caso do “abuso de funções públicas ou equiparadas”, neste caso “o cidadão investido de poder público, o funcionário ou agente do Estado ou de outra pessoa coletiva pública e o ministro de qualquer culto”, é determinado que, “abusando das suas funções ou, no exercício das mesmas, se servir delas para constranger, influenciar ou induzir os eleitores a votar ou a deixar de votar em determinada ou determinadas listas, é punido com pena de prisão de 6 meses a 2 anos e multa de 1000 a 10000 euros”.

E por “propaganda”, nas Assembleias de voto ou nas suas imediações, nomeadamente, “entende-se também a exibição de símbolos, siglas, sinais, distintivos ou autocolantes de quaisquer listas (...), independentemente de se destinar ou não ao ato eleitoral em concreto.”.

Outro alerta: nem todos podem estar nas assembleias de voto. E assim fica claro que “é proibida a presença dos cidadãos nas assembleias de voto em que não possam votar, quer durante o período em que decorre a votação, quer, ainda, durante as operações de apuramento, salvo se se tratar de candidatos e mandatários ou delegados das listas”.

No caso do voto acompanhado, que é considerado excecional, “os cidadãos eleitores afetados por doença ou deficiência física notórias (...) podem votar acompanhados de outro eleitor por si escolhido, que garanta a fidelidade de expressão do seu voto e que fica obrigado a absoluto sigilo”.

Porém, “mesmo tratando-se de idoso com dificuldade de locomoção ou outra que não impeça a permanência na câmara de voto pelo tempo necessário à expressão da sua opção e à dobragem do boletim”, a CNE esclarece que “ele

De 1976 a 2023: a evolução dos resultados nas Regionais da Madeira

MIGUEL ALBUQUERQUE
PPD/PSD

MIGUEL CASTRO
Chega

JOSÉ MANUEL RODRIGUES
CDS

MÓNICA FREITAS
PAN

MIGUEL PITA
ADN

NUNO MORNA
IL

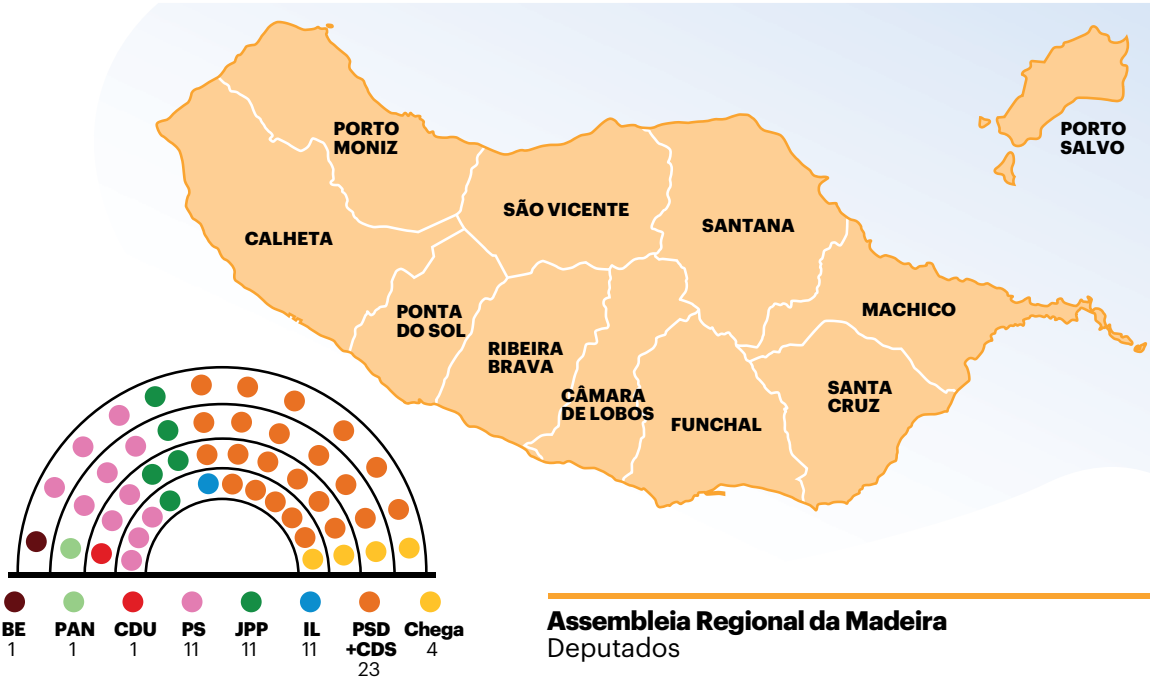
VÁLTER RODRIGUES
MPT

RESULTADOS 2023

Partido	%
PSD+CDS	43,13%
PS	21,3%
JPP	11,03%
CH	8,88%
CDU	2,72%
IL	2,63%
PAN	2,25%
BE	2,24%
PTP	1,01%
L	0,63%
RIR	0,54%
MPT	0,51%
ADN	0,46%

PORTO MONIZ · SÃO VICENTE · SANTANA · CALHETA · PONTA DO SOL · RIBEIRA BRAVA · CÂMARA DE LOBOS · FUNCHAL · MACHICO · SANTA CRUZ · PORTO SANTO

BE	PAN	CDU	PS	JPP	IL	PSD +CDS	Chega
1	1	1	11	11	11	23	4

Assembleia Regional da Madeira
Deputados

pode ser acompanhado até à câmara, de preferência por um membro da mesa sob fiscalização de delegados, e pode ser auxiliado a preparar o ato de votação, devendo o acompanhante retirar-se para que, sozinho, o eleitor materialize a sua opção e dobre o boletim".

No entanto, havendo dúvidas sobre "a notoriedade da doença ou da deficiência física", o eleitor deve apresentar um "atestado comprovativo da impossibilidade de votar sozinho, emitido pelo delegado de saúde municipal ou seu substituto legal". O atestado médico poderá ser obtido no "centro de saúde respetivo, que se encontrará aberto no dia da eleição entre as 8 e as 19 horas".

E depois há os "transportes" para voto muitos usuais na Madeira. A CNE refere que são "situações excecionais" que podem requerer "transportes públicos especiais", desde que existam "distâncias consideráveis entre a residência dos eleitores e o local em que estes exercem o direito de voto, sem que existam meios de transporte que assegurem condições mínimas de acessibilidade ou quando existam necessidades especiais motivadas por dificuldades de locomoção dos eleitores".

Há ainda um aviso: o facto de o eleitor "invocar simplesmente que não sabe ler ou escrever [há 10 mil madeirenses nestas circunstâncias] ou que é idoso [com 65 anos ou mais há mais de 50 mil pessoas] não constitui fundamento para o exercício do voto acompanhado".

artur.cassiano@dn.pt

551

Euros Um em cada quatro madeirenses está em risco de pobreza e vive com menos de 551 euros por mês. A Madeira é a região com maior taxa de pobreza em Portugal.

14

Milhões O Governo da Madeira aprovou, na quinta-feira, a despesa relativa ao concurso para a construção de um navio de investigação polivalente, no valor de 14 milhões de euros.

47

Deputados Há oito meses, PSD/CDS elegeu 23 deputados, PS conseguiu 11, o JPP cinco, o Chega quatro, enquanto a CDU, a IL, o PAN e o BE obtiveram um mandato cada.

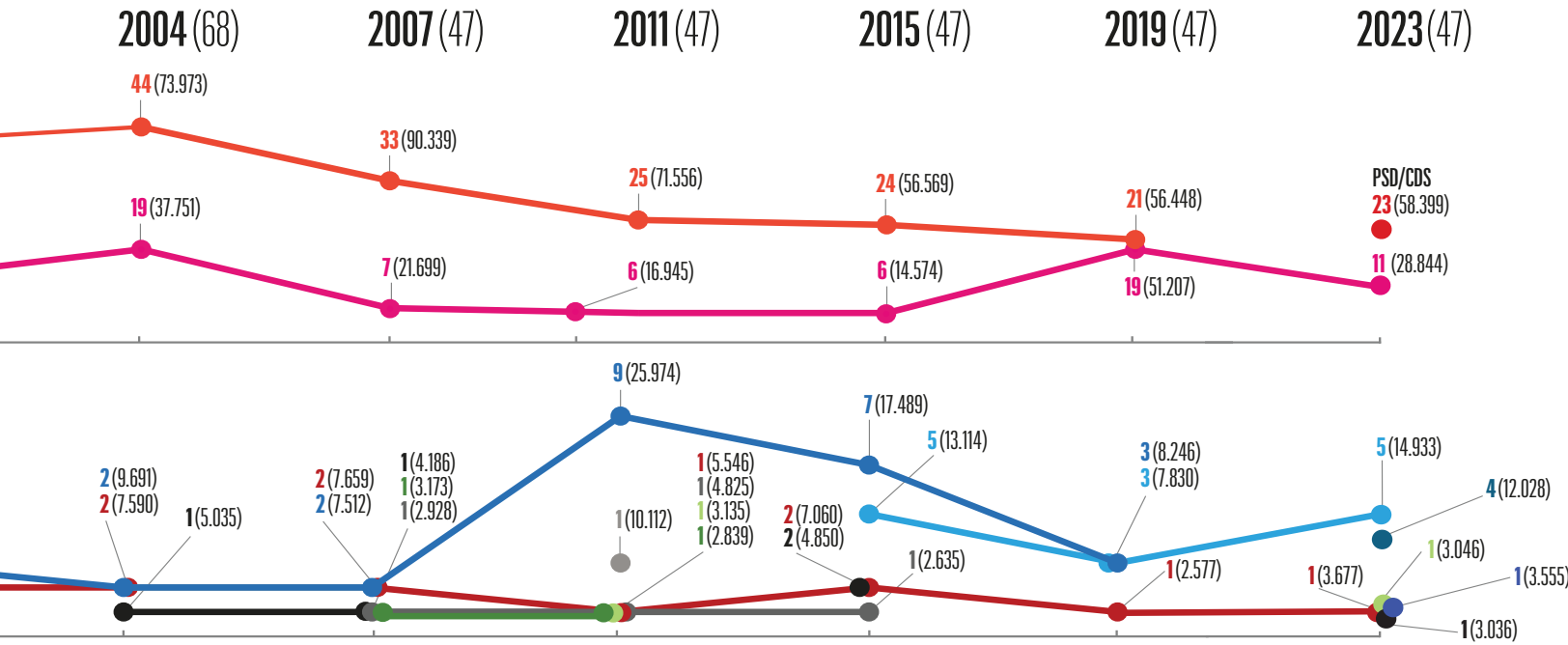
17,5%

Formação Os níveis de escolaridade são mais baixos que a média nacional: 17,5% têm o Ensino Superior (24,5% na totalidade do país) e 21,7% dos madeirenses têm, no máximo, 4 anos de escolaridade.

10,6%

Abandono A taxa de abandono escolar (10,6%) é muito superior à média nacional que é de 5,9%. A taxa de analfabetismo é a segunda maior do país, só inferior à do Alentejo.

5,4

Mil milhões É o valor da dívida da Madeira: 5,4 mil milhões de euros. O Governo Regional é responsável por 96,6% do total da dívida e as Empresas Públicas por 3,4%.

ELTON MONTEIRO / LUSA

Paulo Lourenço morreu de forma súbita.

"Homem culto e inovador". Embaixador português em Cabo Verde morre aos 52 anos

ÓBITO Paulo Lourenço sentiu-se mal após uma caminhada. Representantes evocam a memória do "diplomata exemplar" que lutou pelas relações entre os dois países.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Foi com "profundo pesar" que o Governo português se despediu do "diplomata exemplar" que era Paulo Lourenço. O embaixador português em Cabo Verde morreu aos 52 anos, na Cidade da Praia, depois de se ter sentido mal após uma caminhada, cerca das 20.00 horas (22.00 em Lisboa) de sexta-feira. De acordo com a Lusa, os Serviços de Emergência Médica cabo-verdianos ainda fizeram manobras de reanimação, mas o diplomata já chegou sem vida ao Hospital Agostinho Neto.

Em comunicado, o ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel, recordou que o diplomata "granjeou enorme reconhecimento" em Cabo Verde, bem como "prestígio e simpatia" que o ministro testemunhou "pessoalmente".

O gabinete do primeiro-ministro, Luís Montenegro, descreveu, em comunicado, a carreira do diplomata como sendo "brilhante", após "quase 30 anos ao serviço do Estado".

Na página oficial da Presidência da República, Marcelo Rebelo de Sousa classificou a morte de Paulo Lourenço como "uma triste notícia". E recordou: "Ainda no início do mês tinha estado com ele na Praia e no Tarrafal, nas cerimónias comemorativas do 50.º aniversário da libertação deste terrível campo de presos políticos, e na visita de Estado" que fez ao país. Classificando-o como "diplomata competente e dedicado", o Presidente da República afirmou que "o seu desaparecimento deixa um vazio em todos os que com ele conviveram". "À família, amigos e colegas do nosso corpo diplomático, o Presidente da República apresenta sentidas condolências", conclui a nota.

Nascido a 10 de março de 1972, em Angola, Paulo Lourenço estava na carreira diplomática desde 1995, tendo desempenhado funções em Luanda, Londres, Sarajevo e Belgrado. Entre 2012 e 2018, foi cônsul-geral em São Paulo. Nomeado embaixador em Cabo Verde em 2022, foi ainda (desde 2020) chefe da Direção-Geral de Política de Defesa Nacional. O programa-quadro de Defesa entre Portugal e Cabo Verde, para o período de 2022 a 2026, foi negociado por ele.

Também José Maria Neves, presidente cabo-verdiano, deixou uma mensagem de condolências. Na sua página no Facebook, o chefe de Estado recordou Paulo Lourenço como "um homem culto, vigoroso e inovador", que estava a estabelecer "novos e importantes pilares nas excelentes relações entre os dois países". "Ficamos, todos nós, infinitamente mais pobres", sublinhou. Já o Governo cabo-verdiano recordou Paulo Lourenço como alguém "com elevado sentido de Estado, sempre atento e disponível para cooperar" e fortalecer relações bilaterais, "a todos os níveis".

Pedro Lourtie, embaixador português na Representação Permanente junto da União Europeia (REPER), deixou também uma mensagem de condolências. Na rede social X (ex-Twitter), o diplomata disse estar em "choque" e com uma "grande tristeza" pelo "desaparecimento prematuro" do seu homólogo em Cabo Verde. Na mesma nota, Pedro Lourtie recordou Paulo Lourenço como "amigo, diplomata de excelência, de dedicação inexcedível, embaixador companheiro de tantas batalhas na promoção" do país.

rui.godinho@dn.pt

Governo avança com auditoria na Defesa

O anúncio foi feito em comunicado: o Ministério da Defesa vai solicitar uma auditoria feita pela Inspeção-Geral da Defesa Nacional. O objetivo é "averiguar o cumprimento da lei e apurar responsabilidades em relação aos licenciamentos para as atividades de comércio e indústria de bens e tecnologias militares" desde que António Costa foi primeiro-ministro (2015).

A decisão surge "depois de uma averiguação preliminar", que detetou que, "aparentemente", desde esse ano, "não têm vindo a ser cumpridas as exigências previstas" pela lei. Podendo haver, até, falhas no "duplo controlo" dos licenciamentos a cargo da Direção-Geral de Recursos de Defesa Nacional e do Gabinete Nacional de Segurança.

Foi também "apurado numa amostragem restrita de processos considerados, o eventual licenciamento para a referida atividade comercial de uma empresa cujo sócio foi condenado em pena de prisão por crime previsto na alínea a), do n.º 3 do art.º 8º da mesma Lei e, como tal, salvo melhor opinião, sem idoneidade nos termos aí configurados. Confirmando-se, significa que ambos os graus de controlo falharam".

Em reação, o líder da Iniciativa Liberal, Rui Rocha, classificou a auditoria como "prudente e ponderada" e disse ser "uma boa decisão" da parte de Nuno Melo.

Também Paulo Raimundo, secretário-geral do PCP, saudou a decisão de avançar com a auditoria, mas quer esperar para ver os resultados práticos. "Tudo o que for para esclarecer, para que não haja dúvidas, é bem-vindo. Vamos ver é se não passa de mais um anúncio de grande iniciativa. Espero que não."

Por sua vez, Marta Temido, cabeça de lista do PS às Europeias, afirmou que as auditorias são "um processo normal" e garantiu que o desfecho não lhe parece "dramático ou preocupante". **R.M.G.**

Opinião **José Mendes**

A armadilha das benesses

A elite dos cidadãos portugueses passou a ser constituída por dois grupos: os jovens e os trabalhadores dos salários baixos. São estes que, na sua maioria, beneficiam de quase tudo e pagam quase nada. O mesmo é dizer: os restantes pagam quase tudo e beneficiam de quase nada. Este é um conceito que sucessivos Governos socialistas e sociais-democratas teimam em materializar, criando uma sociedade crescentemente mais injusta, na medida em que aniquila a classe média e, mais grave ainda, extingue a chama da ambição na vida, convocando uma enorme faixa da população para a armadilha da doce e preguiçosa dependência do Estado.

Muitos dirão que esta minha visão é pouco solidária. Não creio, pelas razões que passo a explicar. Esta semana, o Governo anunciou mais uma rajada de benesses – na linha do que fazia o Partido Socialista – que me deixam boquiaberto.

Agora, ser jovem (até aos 35 anos!) dá direito a chorudas isenções de IRS, IMT e imposto de selo, garantias do Estado para a entrada da casa, borlas nas propinas, ajuda na residência universitária e mais uns pozinhos. O único mérito que é exigido é o de existir e estar dentro daquele escalão etário. Nada mau!

Recordo que quando era jovem orientava a minha vida no sentido de subir na cadeia de valor. Ainda antes de entrar na universidade e, depois, ao longo dos (então) cinco anos da licenciatura, trabalhei e fiz desporto de competição, o que permitia ganhar algum dinheiro. Além disso, consegui uma bolsa de mérito da Gulbenkian. A equação era mais que simples: se faltasse ao trabalho, não recebia; se não treinasse diariamente e baixasse o desempenho desportivo, cortavam-me o subsídio; se piorasse as notas, perdia a bolsa.

Por tudo isto, os dias esticavam-se das 7.00 até às 23.00 horas. Com alegria, porque a cada tarefa cumprida, a cada nota alta e a cada *podium*, sentia-me inundado pela fantástica sensação de ter colocado mais um tijolo no edifício do meu futuro, de ter crescido e melhorado por via do esforço e do mérito.

O problema do novo paradigma nacional é que os jovens já não precisam de correr. Nasceram para ser ajudados. Senão emigram, vão à vida, que isto da pátria (a terra, a família e os amigos) não paga almoços.

Compreendo só até certo ponto, porque se o emprego é escasso a vida não fica fácil. Mas o que está a ser feito, em termos de políticas, não vai nem resolver, nem ajudar os jovens. Está a ser criada uma lógica que os dispensa de lutar, de criar as suas oportunidades. Forma-se, assim, uma legião de dependentes do Estado. O que acontecerá quando chegarem aos 35 anos e o IRS disparar? Vão-se embora? Ou vamos estender o "colinho" até aos 45?

Este pensamento remete-me também para a celebrada redução do IRS. Acho extraordinário que se pretenda sempre privilegiar os salários mais baixos, penalizando os mais elevados. É como condenar o sucesso, evidenciando que os papalvos são os que se esforçaram para subir na cadeia salarial. É injusto e escandaloso não manter as reduções percentuais do IRS em todos os escalões, esmagando reiteradamente aqueles que suportam, com os seus impostos, o Orçamento de Estado e as múltiplas benesses, como as novéis isenções dos jovens.

Em termos práticos, é mais um apertão na tarraxa que comprime a distância que separa o salário mínimo do salário médio, a qual, se considerado o rendimento disponível, tende perigosamente para zero.

Ao contrário do que se diz por aí, este país é para os jovens. Já o é menos para os pós-jovens, sobretudo aqueles que acreditaram no mérito e no esforço, que a cada ano são confrontados com mais uma fatura social.

Professor catedrático

Opinião
Raimundo Carreiro Silva

A comunidade brasileira em Portugal e as relações luso-brasileiras

A posse do XXIV Governo Constitucional, liderado por Luís Montenegro, depois de um ciclo de mais de oito anos de Executivos socialistas, evidenciou uma vez mais a solidez das relações entre Brasil e Portugal. Assim que foram conhecidos os resultados da eleição, o Presidente Lula telefonou para Luís Montenegro para congratulá-lo pela vitória, e o Chanceler Mauro Vieira ligou para Paulo Rangel ao ser nomeado Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros. Em seguida, Mauro Vieira visitou Lisboa para representar o Presidente Lula nas celebrações dos 50 anos do 25 de Abril. Na ocasião, manteve sua primeira reunião de trabalho com o novo ministro dos Negócios Estrangeiros.

Nossos Governos seguem empenhados na implementação dos 13 acordos assinados na *XIII Cimeira* e já começaram a preparação para a próxima cimeira, possivelmente no primeiro trimestre de 2025 — ano em que celebraremos o bicentenário das relações diplomáticas entre Brasil e Portugal, inauguradas com a assinatura, em 29 de agosto de 1825, do *Tratado do Rio de Janeiro* que proclamou a "amizade perpétua" entre nossos países. Uma data tão importante merece uma agenda ambiciosa e que reflita a importância de nossas relações bilaterais para ambos os países.

Os ministros abordaram ainda a extensa pauta económica bilateral, cujo dinamismo é atestado pelos números positivos dos últimos dez anos. Nesse período o comércio triplicou, o *stock* de investimento direto brasileiro em Portugal quase dobrou, e o *stock* de investimento português no Brasil cresceu 57%. As parcerias Brasil-Portugal nos setores aeronáutico e de energia têm tido uma contribuição importante para esse dinamismo e representam oportunidades promissoras para o desenvolvimento industrial de nossos países e para a diversificação de nosso comércio.

Também falaram da nossa cooperação no plano multilateral. O Brasil, que este ano ocupa a presidência do G20, convidou Portugal a participar pela primeira vez nas atividades do grupo, reconhecido como o fórum político e económico com maior capacidade de influenciar positivamente a agenda internacional na atualidade.

Como já declarado pelo Presidente Lula, não convém a ninguém um mundo marcado pelo recrudescimento dos conflitos, pela crescente fragmentação, pela formação de blocos protecionistas e pela destruição ambiental. Na presidência do G20, portanto, o Brasil busca promover três temas prioritários: o desenvolvimento sustentável nas suas dimensões social, económica e ambiental; o combate à fome, à pobreza e à desigualdade; e a reforma da governança global.

Temos muito orgulho de contar com a presença de nossos irmãos portugueses durante a nossa presidência do G20. Sabemos que as prioridades do Brasil para o G20 são coerentes com os valores e interesses de Portugal, país que é um parceiro indispensável em nosso esforço de renovar as instituições políticas internacionais e recolocar as pessoas no centro das políticas públicas.

Os dois chanceleres abordaram, de forma franca e aberta, os episódios de xenofobia e racismo sofridos por alguns cidadãos e cidadãs brasileiros nos últimos meses. Trata-se de um problema que, embora tenha se tornado mais visível em razão da crescente dimensão da comunidade brasileira em Portugal, não reflete o sentimento de fraternidade entre os nossos povos, nem a contribuição amplamente positiva que a imigração tem oferecido à economia portuguesa.

Segundo dados do Observatório das Migrações, 13% da força de trabalho portuguesa (cerca de 600 mil trabalhadores) são compostos por imigrantes, sem os quais "alguns setores económicos entrariam em colapso". Ainda de acordo com o Observatório, os imigrantes em Portugal contribuíram com 1,9 mil milhões de euros para a Seguridade Social em 2022, tendo se beneficiado de apenas 257 milhões de euros em prestações sociais – um saldo positivo de mais de 1,6 mil milhões de euros.

O mesmo relatório indica que Portugal é um dos países europeus em que se verificariam as menores taxas de discriminação. Os episódios de xenofobia registrados nos últimos meses são graves e merecem o nosso repúdio, mas são casos isolados. Por isso, o momento é oportuno para levar adiante a proposta de *Memorando de Entendimento* sobre promoção da igualdade racial, que vem sendo discutida desde a *XIII Cimeira Bilateral*, em 2023. Temos interesse em desenvolver um diálogo construtivo nesse tema, trocando boas-práticas de combate ao racismo e promoção de uma cultura de tolerância.

Temos muito orgulho de contar com a presença de nossos irmãos portugueses durante nossa presidência do G20. Sabemos que as prioridades do Brasil para o G20 são coerentes com os valores e interesses de Portugal, país que é um parceiro indispensável em nosso esforço de renovar as instituições políticas internacionais e recolocar as pessoas no centro das políticas públicas."

Os brasileiros que escolhem Portugal como lar orgulham-se de sua contribuição para este país.

Uma renovada prova dos laços de fraternidade que unem os nossos povos nos foi dada espontaneamente, nos últimos dias, com o apoio prestado em Portugal às vítimas das recentes inundações no Rio Grande do Sul. Um desastre natural sem precedentes foi respondido por um apoio também sem precedentes, que se materializou em impressionante volume de doações dos portugueses e da comunidade brasileira aqui residente.

Um primeiro carregamento de donativos seguiu para o Brasil na semana passada. Na próxima terça-feira, dia 28, sairá de Lisboa um voo humanitário integralmente dedicado ao transporte de donativos, coletados pela comunidade brasileira em Portugal e cidadãos portugueses, fruto de parceria entre o Instituto Camões, a Embaixada do Brasil e a TAP.

O Presidente Marcelo Rebelo de Sousa enviou carta ao Presidente Lula prestando a sua solidariedade e o ministro Paulo Rangel ligou diretamente para o ministro Mauro Vieira para colocar-se à disposição no que fosse necessário.

Em todos as reuniões e eventos dos quais participei desde as enchentes, senti a preocupação de meus interlocutores com relação às vítimas e uma genuína disposição em nos apoiar.

Neste momento de enorme sofrimento, Portugal uma vez mais mostrou que é nosso país-irmão. O Brasil e o Rio Grande do Sul são eternamente gratos pela solidariedade recebida.

Embaixador do Brasil em Portugal

A contínua expansão do tráfego virtual promete continuar a aumentar o investimento em centros de dados.

AFP

O digital tem uma pegada ambiental igual à aviação

TECNOLOGIA Ao enviar um *e-mail* ou uma fotografia estamos a ativar dezenas de *data centers*, que consomem quantidades enormes de energia e emitem CO_2. O mundo digital, no seu todo, é responsável por 3% das emissões e é o 4º maior consumidor de energia a seguir à China, EUA e Índia. A IA só veio agravar o cenário.

TEXTO **CARLA AGUIAR**

Será que os ativistas climáticos sabem que também estão a deixar uma pegada carbónica quando convocam protestos pelo WhatsApp ou publicam nas redes sociais os vídeos das suas ações que rapidamente viralizam na *net*? Provavelmente não, mas na verdade estarão a conectar-se a qualquer coisa como 100 *data centers* em simultâneo em várias partes do mundo, que consomem enormes quantidades de energia e emitem largas quantidades de gases com efeito de estufa. E se soubessem estariam, estaríamos todos dispostos a mudar o modo de comunicarmos?

Em plena era digital vivemos na ilusão da desmaterialização. Porque usamos menos papel e comunicamos sem fios, tudo nos parece limpo, sem espinhas. Mas não é assim. Para além dos 1,2 milhões de quilómetros de cabos submarinos de fibra ótica, que ligam continentes, e de antenas cada vez mais potentes a emitir radiações, estima-se que a internet e a indústria digital associada produzam aproximadamente as mesmas emissões de CO_2 por ano do que a aviação.

> Quanto mais sofisticada for a tecnologia, maior a pegada. É o caso da IA, que consome cinco vezes mais energia que uma busca convencional na *net*.

De acordo com estimativas do *Programa da ONU para o Meio Ambiente*, o setor digital será mesmo responsável por cerca de 3% das emissões globais de gases com efeitos de estufa e a tendência vai no sentido de um rápido reforço da digitalização e não o inverso.

O gesto mais singelo que fazemos todos os dias de enviar um *e-mail*, uma fotografia ou colocar um '*Gosto*' ou comentário nas redes sociais viaja através de múltiplas camadas da infraestrutura cibernética, consumindo muita energia fóssil, nomeadamente, em servidores alojados em centros de dados de grandes proporções. É por isso que há quem lhe chame, à internet, " a maior máquina movida a carvão na Terra".

E à medida que a tecnologia vai ficando mais sofisticada, a pegada carbónica aumenta. É o caso da Inteligência Artifical generativa que usamos para obter respostas simples, que consome quatro a cinco vezes mais energia que uma busca convencional na *net*, adverte Paul Gillaume Pitron, jornalista, investigador e autor de *The Dark Cloud – How the Digital Industry is Costing the Earth*, entre outros livros sobre a pegada ambiental do setor digital.

Não é, por isso, de estranhar a estimativa de, já no próximo ano, esta indústria se transformar no quarto maior consumidor de energia do mundo, atrás de países como China, Índia e EUA.

É um paradoxo, mas quando entramos no mundo da nanotecnologia, "quanto mais fino, discreto e pesado é o aparelho no seu bolso, mais óbvias podem ser as consequências ambientais no outro extremo do mundo, de onde esses produtos provêm, que é numa mina", disse o especialista francês numa entrevista ao *podcast* norte-americano *HC Insider*.

Só o processo de fabrico de um *smartphone*, por exemplo, equivale a cerca de 80% das emissões de carbono ao longo da sua vida útil. Se pensarmos que existem cerca de 34 mil milhões de dispositivos (telemóveis, *tablets* e computadores) em circulação e que estes são feitos de mais de 15 metais, em média, podemos logo ter uma ideia do impacto ambiental, observa Paul Guillaume Pitron.

"Para extrair os minerais do solo e refiná- los é necessária água e eletricidade para transformar o recurso em metal. E para mover e juntar todos os componentes de várias partes do mundo, são necessários aviões que usam petróleo."

O especialista aprofunda a explicação: "Se calcularmos a quantidade total de recursos que são incluídos, direta e indiretamente, no produto acabado que é o seu telefone, teremos o que chama-

IMPACTO

Como reduzir a pegada digital?

1. Pensar antes de clicar
A partir do momento em que tomamos consciência de que cada gesto *online* tem um impacto ambiental podemos adotar novas rotinas e comportamentos para reduzir a nossa pegada digital e ambiental. Aqui ficam algumas publicadas no jornal *The Guardian*.

2. Evitar a Inteligência Artificial
Ao evitar fazer perguntas à Inteligência Artificial generativa também ajudamos a baixar o consumo energético, uma vez que fazer perguntas e obter respostas gasta quatro a cinco vezes mais do que fazer uma pesquisa normal.

3 Cancelar *newsletters* indesejadas
Priorizar os conteúdos que queremos receber na nossa caixa de correio eletrónico é um passo para reduzir o tráfego virtual. Por isso, cancelar a assinatura de *newsletters* que já não abrimos ou de outros conteúdos indesejados, como *spam*, também é um contributo para esse objetivo de sustentabilidade.

4. Limpar a desordem virtual
Rever e apagar *e-mails* antigos, na maior parte das vezes nem lidos, e mais pesados deve ser uma rotina que o ambiente agradece. O mesmo se aplica à eliminação de fotos em duplicado que deve ser feita regularmente, porque ocupa muito espaço no telefone e na nuvem. Pode pesquisar-se periodicamente por "1 MB ou maior" e excluir todos os *e-mails* com anexos grandes de que já não precise. A pesquisa pelo nome do remetente permite excluir em massa centenas de *e-mails* de *marketing* com um clique satisfatório.
Android e iPhone oferecem funcionalidades básicas de libertação de espaço de exclusão em massa para fotos e arquivos. Ou experimente o aplicativo GetSorted.

5. Manter os dispositivos o maior tempo possível
Por muito tentador que seja comprar a última versão do *smartphone*, convém ter em mente que é no fabrico de um telemóvel novo que está 80% da sua pegada carbónica em toda a sua vida útil. Recondicionar telemóveis e computadores está a tornar-se mais comum e existem *sites* de comunidades de TI, como o *ifixit.com*, que podem ajudar a consertar os produtos por conta própria. Limpar a desordem cibernética também ajuda a prolongar a vida útil do seu dispositivo.

6. Minimize o armazenamento em nuvem
Se é daqueles que tem um grande arquivo fotográfico pode optar pelo analógico para reduzir a sua dependência do armazenamento em nuvem, que consome muita energia. Pode armazenar todas as fotos e arquivos em discos rígidos, protegidos por senha, que só consomem energia quando conectados. Pode ter um *backup* na casa de um familiar ou amigo, para prevenir risco de roubo ou incêndio. Isso ajuda a economizar dinheiro, pois paga apenas uma assinatura de nuvem.

mos MIPS – uma entrada de material por unidade de serviço –, que é uma relação entre o produto final e todos os recursos usados.Essa proporção pode ser de 100 para um, 200 ou 300 para um, se estivermos a falar de uma caneta, uma camisa ou um livro. A proporção mais alta possível foi calculada para o *microchip* do *smart phone* e é 16 000 por 1, o que significa que requer 16 000 vezes mais recursos do que a forma final do produto."

Os mega *data centers*
Este é apenas o lado das matérias-primas, mas se quisermos avaliar o impacto energético basta-nos olhar para as megaestruturas que são necessárias para armazenar a informação na grande nuvem, os *data centers*. São espaços gigantes, mas ao mesmo tempo discretos, que as plataformas tecnológicas mantêm longe do olhar público, por várias razões, uma das quais para "manter a ilusão de um mundo desmaterializado". Segundo o investigador francês, muitas vezes "são construídos sem identificação da empresa, que só vem à luz do dia *a posteriori*".

Por outro lado, porque estes centros necessitam de muita refrigeração e com um impacto visual e ambiental que não dá para esconder, algumas empresas estão a optar por lugares frios e remotos. É o caso da Meta, dona do Facebook, que deslocou a sua *nuvem* para o local mais frio do Planeta, a Lapónia norueguesa, a 100 quilómetros do Círculo Polar Ártico, onde a refrigeração é gratuita. Entre os dez maiores *data centers* mundiais, três situam-se nos Estados Unidos, mas o maior está na China, a sul de Pequim, e ocupa uma área de 600 mil metros quadrados, o equivalente a 110 campos de futebol.

E porque precisamos tanto deles? Basicamente porque já nem admitimos a hipótese de não ter a *net* rápida e disponível a toda a hora, seja em que parte do mundo for e, para isso, é preciso assegurar redundância para garantir que não há falhas.

Poderíamos pensar que enviar um simples *e-mail* por telefone para um colega dentro do mesmo escritório não exige grande coisa, mas, como explica Pitron, na verdade "o *e-mail* vai percorrer milhares de quilómetros, primeiro alcançará uma antena de 4G no topo do prédio onde estou, então o sinal será transformado em sessões pulsantes de luzes no cabo de fibra ótica que descerá pelo prédio até ao solo, debaixo do alcatrão. E aí vai juntar-se a outros *likes* e *e-mails* num *data center*, viajar até à costa do meu país, onde estou agora, que é a França, vai passar por um cabo submarino de fibra ótica pelo Oceano Atlântico até aos Estados Unidos, porque a minha ligação foi provavelmente produzida por um motor de busca americano. Ele será novamente armazenado em *data centers* na Costa Leste ou Oeste dos EUA e viajará de volta quase à velocidade da luz, 200 000 quilómetros por segundo, através do Atlântico novamente e chegará ao telefone do colega."

A expansão do tráfego virtual promete continuar a aumentar o investimento nestes centros. Parte desse reforço deve-se também à crescente política de *cookies* dos *sites* que consultamos, que consomem hoje muito mais dados do que aqueles que realmente chegam a ser utilizados.

Paul Guillaume Pitron considera que há uma coleta exagerada de dados que, com grande probabilidade, não são todos utilizados. E se é verdade que também há esforços de mitigação destes impactes negativos, com cada vez mais centros de dados a terem processos de energia renovável para a sua refrigeração, "o ritmo da mitigação é menor do que o crescimento exponencial de todos os dados".

Enquanto os dados significarem conhecimento e conhecimento for poder, não se vai abdicar desse poder, ou seja, da contínua coleta e tratamento de dados, acredita o investigador.

dnot@dn.pt

Bombeiros acusam presidente da Proteção Civil de "desrespeito" sobre um eventual Comando Nacional

TENSÃO Presidente da Liga de Bombeiros Portugueses critica as declarações de Duarte da Costa ao DN, que classifica como não sendo verdadeiras. Contestando a posição do responsável pela ANEPC, espera ainda que o Governo esteja atento.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

António Nunes não tem dúvidas: dizer que não se cria um Comando Nacional de bombeiros porque não estão preparados, em termos organizacionais, é um "desrespeito". "Dizer que não se avança porque não há organização é mentira", critica ainda o presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses (LBP).

O contexto? A entrevista do presidente da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC) ao DN e à TSF. Nesta, Duarte da Costa afirmou que "os bombeiros voluntários ainda não estão organizados para que haja um comando efetivo de bombeiros". Essa discussão, dizia, "é política, não depende do presidente da ANEPC ou de outros interlocutores que na praça pública hasteiam as suas bandeiras".

Isto, contrapõe António Nunes, é "um desrespeito". "Afinal, se os bombeiros não estão organizados, e são incompetentes, então para quê levá-los para a ANEPC?", questiona, em reação à afirmação de Duarte da Costa em que revelou que 95% da sua estrutura "vem oriunda dos bombeiros". Há, então, uma conclusão retirada por António Nunes: "Ou tem consigo indivíduos incompetentes, ou então está a contradizer-se a si próprio. Não é verdade que os bombeiros não estejam preparados."

Para o presidente da LBP, estas declarações têm um objetivo claro: "É uma tentativa de minimização da Liga, da capacidade dos bombeiros, e uma tentativa de mandar nos corpos de bombeiros. O senhor presidente da ANEPC devia ter mais respeito. Não nos revemos, de todo, naquilo que foi dito."

Para António Nunes, não há muitas dúvidas: "O Comando Nacional da Proteção Civil é de todos. E, tal como os outros têm um Comando Nacional, os bombeiros devem ter o deles."

Recordando que "o Programa do Governo defende dar mais autonomia aos bombeiros", as declarações do presidente da ANEPC vêm "no sentido contrário", defende António Nunes.

Na mesma entrevista, Duarte da Costa defendeu a criação de "fenómenos de profissionalização dentro da estrutura voluntária, formação superior, média ou de base". Isto permitiria subir "ao longo da carreira" e acabaria "por ocupar todos os lugares dentro da Proteção Civil". Algo que permitiria concretizar um "sonho bonito", o de ter "um primeiro general bombeiro que seja o presidente da ANEPC".

NUNO BRITES / GLOBAL IMAGENS

A Proteção Civil "não deve" absorver e incluir na sua estrutura os bombeiros, defende o presidente da Liga.

"Não queremos a ANEPC a mandar nos bombeiros. Somos contra meter bombeiros dentro da estrutura da Proteção Civil. A solução passa pela cooperação."

António Nunes
Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses

"Os bombeiros voluntários ainda não estão organizados para que haja um comando efetivo de bombeiros."

Duarte da Costa
Presidente da ANEPC

Confrontado com isto, António Nunes relembra que "este modelo não é novidade. Já tinha sido defendido pelo presidente da ANEPC". Tem "todo o direito a defendê-lo", afirma o presidente da Liga dos Bombeiros, que diz não se rever na proposta.

"Não queremos a ANEPC a mandar nos bombeiros". O caminho, defende, deve ser "o da cooperação". "Somos contra meter bombeiros dentro da estrutura da Proteção Civil. Acho que a solução passa pela cooperação. Não têm e não devem ser absorvidos e tudo confundido. Uma coisa é coordenação no terreno e operacional, outra, bem diferente, é a preparação do povo. Opomo-nos a essa ideia", reiterou António Nunes. Esta, de resto, "foi sempre a visão do senhor presidente, e nunca aceitámos, nem aceitaremos. Devia ter mais respeito pela Liga e pelas federações, que parecem ser dispensáveis".

"É importante não esquecer que os bombeiros são autónomos. O Estado não tem bombeiros, a Proteção Civil também não. O que acontece é cooperação e é assim que deve continuar a ser", aponta António Nunes. E, depois, um aviso: "Espero que o presidente não se esqueça que os bombeiros são os únicos que lhe dão honras de continência."

Já falou diretamente com Duarte da Costa? "Não." Mas, hoje, assinala-se o Dia Nacional do Bombeiro e a ocasião será aproveitada para "se fazer esse reparo". Porque "há afirmações que não correspondem à verdade", argumenta o presidente da LBP.

Perante isto, António Nunes espera que o secretário de Estado da Proteção Civil [Paulo Simões Ribeiro] tenha "ouvido ou lido as declarações do senhor presidente", como a Liga fez. E depois? "O senhor secretário de Estado e o Governo que tire as conclusões que deve tirar e entender necessárias."

rui.godinho@dn.pt

Brasil quer criar um "imposto do pecado" e tem o vinho na mira

EXPORTAÇÕES É o 4.º maior mercado externo dos vinhos nacionais e valeu, em 2023, quase 80 milhões de euros. Entre taxas e impostos, a carga fiscal sobre vinhos importados ultrapassa os 80%.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

O Brasil está a preparar uma reforma tributária que prevê a criação de um "imposto seletivo federal" sobre os produtos que são prejudiciais à saúde ou ao meio ambiente. O chamado "imposto do pecado" deverá incidir sobre tabaco, refrigerantes açucarados, alimentos ultraprocessados, combustíveis fósseis e bebidas alcoólicas, entre outros. E embora esteja previsto que só entre em vigor a partir de 2027, a questão está a gerar grande polémica no país. Este é o quarto maior mercado de destino das exportações de vinhos nacionais e valeu, em 2023, quase 80 milhões de euros ao setor.

"É, de facto, um mercado muito importante para os vinhos portugueses. Não só foi o quarto maior, no ano passado, como liderou o crescimento das exportações, que só não caíram mais pela influência positiva do Brasil, que se tornou no mercado externo dos vinhos tranquilos. Vem-se a cimentar como um país estruturalmente importante para as nossas exportações e, portanto, qualquer alteração a nível tributário é algo que nos obriga a ficarmos atentos", reconhece o presidente da ViniPortugal, a associação interprofissional que tem a seu cargo a promoção dos vinhos nacionais além fronteiras.

A questão é que os impostos neste mercado são já "muito complicados" e até "difíceis" de calcular, estimando-se que o total das taxas e impostos – incluindo os estaduais, que são aplicados sobre os vinhos importados – esteja acima de 80%, o que onera muito o custo do vinho no Brasil que, segundo os próprios, é um produto "pouco democrático".

Trata-se de uma reforma que o Governo brasileiro aprovou em dezembro de 2023, com o objetivo de "simplificar o sistema tributário" e conseguir uma "melhor redistribuição" dos encargos.

A dúvida é se a medida trará mais ou menos impostos. "No ano passado foi aprovada uma lei que insere o vinho na categorias dos alimentos e, neste momento, há uma grande discussão no Brasil sobre se o novo imposto vai ser aplicado às bebidas alcoólicas e se o vinho será tratado como tal ou se como um alimento. Há uma grande incerteza sobre o que vai acontecer e, falando com alguns importadores no Brasil, o que nos dizem é que tudo isto levará ainda muito tempo até que esteja tudo definido", diz Frederico Falcão, que assume alguma apreensão com o tema: "Sabemos que os Governos gostam mais de aumentar do que de reduzir impostos e isso deixa-nos preocupados. Se for para baixar, ótimo, tornará o vinho mais acessível, o que poderá fazer aumentar o consumo *per capita*, que é muito baixo no Brasil (2,1 litros)."

MARIA JOÃO GALA / GLOBAL IMAGENS

Só no 1.º trimestre, saíram para o Brasil 6 milhões de litros de vinho, mais 21% em valor e 28% em volume.

Este é um mercado importante para os vinhos portugueses e para o qual a ViniPortugal reservou um milhão dos 8,4 milhões de euros do seu orçamento de promoção para 2024, e onde vai realizar cerca de uma dezena de ações ao longo do ano. "É um dos mercados que estão a liderar o nosso crescimento", garante o presidente da ViniPortugal.

Só nos primeiros três meses do ano, Portugal exportou para o Brasil seis milhões de litros, no valor de 18,3 milhões de euros, o que representa um aumento homólogo face a 2023 de 21,4% em valor e de 28% em volume.

A Casa Santos Lima, empresa familiar que vai já na quinta geração ligada ao negócio do vinho, é um dos maiores exportadores nacionais para aquele mercado, para o qual vende desde que foi fundada, em finais do século XIX. O Bons-Ventos , vinho regional de Lisboa, é hoje das marcas portuguesas mais vendidas no Brasil, mercado onde as vendas do grupo estão, nos primeiros meses de 2024, a crescer 30%. Presente em 7 das 14 regiões vitivinícolas nacionais, a Casa Santos Lima produz cerca de 30 milhões de garrafas ao ano, 90% das quais são exportadas para mais de 50 países.

> A ViniPortugal reservou para o Brasil um milhão dos 8,4 milhões de euros do seu orçamento de promoção para 2024, e onde vai realizar cerca de uma dezena de ações ao longo do ano.

"Já sabemos desta intenção [reforma tributária], mas nenhum cliente nos falou nisto ainda", diz o diretor-geral da empresa. Luís Olazabal Almada socorre-se da experiência no mercado britânico, que em 2023 aumentou os impostos sobre vinhos e outras bebidas, taxando mais as de maior teor alcoólico, para dizer que, "se for esse o caso, irá provavelmente provocar uma migração para vinhos de menor teor alcoólico".

Outra das marcas mais importantes no mercado é Periquita, da José Maria da Fonseca (JMF), que destina ao Brasil cerca de 1,2 milhões de garrafas ao ano, correspondentes a 10% da sua produção. António Maria Soares Franco, o co-CEO e elemento da 7.ª geração da família na empresa, não se mostra, para já, preocupado com a questão. "Dizem-me que faz parte de uma reformulação fiscal mais alargada, que levará vários anos a ser implementada e que ainda está tudo muito no ar", refere. E se é verdade que o negócio do vinho no mundo "está difícil" este ano, em virtude da conjuntura inflacionista, a JMF espera fechar o ano acima dos 35 milhões de faturação global, dois milhões mais do que em 2023.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Benetton com "buraco" de 100 milhões

O fundador da Benetton, Luciano Benetton, anunciou neste sábado que a empresa tem um "buraco orçamental de cerca de 100 milhões de euros", adiantando que terão de ser "feitos sacrifícios", quando se prepara para abandonar o cargo de presidente.

Em entrevista ao jornal *Corriere della Sera*, que foi ontem publicada, Luciano Benetton disse que as contas da empresa italiana têm um "buraco orçamental de cerca de 100 milhões de euros", deixando reparos à administração.

"Eu confiei e errei. Fui traído no verdadeiro sentido da palavra. Há alguns meses percebi que algo estava errado. A fotografia que a alta administração do grupo nos apresentou não era real", lamentou.

Benetton admitiu que "vão ter de ser feitos sacrifícios", apesar de não avançar detalhes.

Ainda assim, mostrou-se confiante quanto ao futuro da marca, acrescentando que "todos os esforços vão ser encetados para redescobrir a energia (...) e dar uma nova vida" à Benetton.

Reunião no dia 18

O fundador marca de roupa italiana referiu ainda que o presidente executivo da marca, Massimo Renon, e a sua equipa tem uma "visão e tradição de mercado completamente diferente" da Benetton.

O mandato do Conselho de Administração da empresa termina em junho, estando agendada uma reunião para dia 18 do mesmo mês.

A Benetton está presente de Norte a Sul de Portugal, contando só em Lisboa e no Porto com cerca de 20 lojas. No mundo inteiro são cerca de 4 mil lojas, segundo informação oficial.

O Grupo foi fundado em 1965, em Treviso, na Região de Veneto, em Itália. A preocupação com a sustentabilidade é uma das suas imagens de marca, a par da inovação ao nível das cores.

DN/DV/LUSA

EYAD BABA / AFP

Uma coluna de fumo era visível ao longe após os bombardeamentos israelitas de ontem em Rafah.

Israel entre os ataques em Rafah e o regresso às negociações de trégua

GUERRA Exército vai investigar origem de vídeo no qual um soldado não-identificado ameaça com uma insubordinação de reservistas caso não haja uma vitória completa sobre o Hamas.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Os primeiros sinais de que Israel parece não ter a intenção de seguir as ordens dadas pelo Tribunal Internacional de Justiça, pelo menos no que diz respeito a cessar os ataques em Rafah, foram dados na sexta-feira logo após ser conhecida a decisão dos juízes, tanto pela reação de vários ministros do Governo de Benjamin Netanyahu, como pela continuação das operações na cidade do sul da Faixa de Gaza. Ontem, os bombardeamentos prosseguiram em Rafah, ao mesmo tempo que uma fonte israelita afirmou que o Governo pretende retomar nos próximos dias as negociações para alcançar um acordo para a libertação de reféns em Gaza, após uma reunião com mediadores em Paris.

"Há intenção de renovar as conversações esta semana e há um acordo", disse o responsável à AFP, sob condição de anonimato. Não foi detalhado o que havia sido definido, mas, segundo os *media* israelitas, o chefe da Mossad, David Barnea, acordou uma nova estrutura para as negociações com os mediadores, o diretor da CIA, Bill Burns, e o primeiro-ministro do Qatar, Mohammed bin Abdulrahman Al-Thani.

O líder do Governo qatari também participou na sexta-feira numa reunião em Paris com o presidente francês, Emmanuel Macron, e os ministros dos Negócios Estrangeiros de Arábia Saudita, Egito e Jordânia sobre a guerra de Gaza e formas de estabelecer um Estado palestiniano ao lado de Israel, segundo informou o Palácio do Eliseu.

Discursando ontem na Academia Militar de West Point, o presidente norte-americano, Joe Biden, adiantou que os Estados Unidos estão empenhados numa "diplomacia urgente para garantir um cessar-fogo imediato que leve os reféns para casa".

> Joe Biden disse ontem que os Estados Unidos estão empenhados numa ação diplomática urgente para garantir um cessar-fogo em Gaza.

O líder da diplomacia norte-americana, Antony Blinken, também conversou com o ministro de Guerra israelita, Benny Gantz, tendo "sublinhado a urgente necessidade de proteger civis e trabalhadores humanitários em Gaza e diminuir as tensões na Cisjordânia", de acordo com o Departamento de Estado dos EUA, acrescentando que também foram discutidos os novos esforços para alcançar um cessar-fogo e reabrir a passagem de fronteira em Rafah.

A Al-Qahera News, que tem ligações à Inteligência egípcia, noticiou que o Cairo continuava os "seus esforços para reativar as negociações de cessar-fogo e trocar prisioneiros e detidos" e também a exercer "todos os tipos de pressão sobre Telavive para permitir urgentemente a entrada de ajuda e combustível" barrada na passagem de Rafah após o seu encerramento por Israel no início deste mês. Recorde-se que as negociações para conseguir a libertação de reféns e um acordo de trégua para Gaza foram interrompidas no início de maio, depois de Israel ter lançado uma operação militar em Rafah.

Reuben Yablonka, pai de um dos três reféns cujos corpos foram recuperados em Gaza na semana passada, mostrou ontem a sua revolta com a forma como toda esta questão está a ser conduzida pelo Governo de Benjamin Netanyahu, tendo contado numa entrevista ao Channel 12 que não foi contactado por ninguém ligado ao Executivo. "O primeiro-ministro não pode ligar? Somos centenas? São três famílias, faça um telefonema", disse.

Os protestos a pedir a libertação dos reféns e a realização de eleições gerais antecipadas continuava ontem um pouco por todo o país, incluindo em Telavive, Haifa e Jerusalém. Segundo o jornal *Haaretz*, em Telavive, Einav, a mãe de Matan Zangauker, de 24 anos, dizia ontem que "continuar esta guerra pode levar Israel a perder os reféns. Parem esta guerra tragam-nos para casa agora!" Na sexta-feira, o Exército israelita viu-se obrigado a pedir desculpas à família de Zangauker depois de, no dia anterior, um vídeo do interrogatório do seu suposto raptor ter sido divulgado pelo *Daily Mail* antes de ter sido mostrado aos familiares do jovem.

Apelo à insubordinação

Um outro vídeo, este divulgado nas redes sociais e inclusivamente partilhado na sexta-feira pelo filho de Netanyahu, mostra um homem que se identifica como reservista do Exército a ameaçar uma insubordinação em massa se o Governo não prosseguir a "vitória completa" sobre o Hamas e o controlo da Faixa de Gaza for entregue ao Hamas ou à Autoridade Palestiniana.

"Queremos uma vitória completa", diz o soldado mascarado, nas aparentes ruínas de uma casa em Gaza. "Aqueles que prejudicaram a nação de Israel, queremos aniquilá-los." O homem critica ainda o ministro da Defesa, Yoav Gallant, pedindo a sua demissão, e garante que, se ele e outros não conseguirem alcançar a vitória, os soldados reservistas seguirão o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu.

"O comportamento no vídeo é uma violação grave das ordens e dos valores das Forças de Defesa de Israel e constitui uma suspeita de crime", declararam fontes militares ao *Times of Israel*, adiantando ainda que o Advogado-Geral Militar ordenou uma investigação imediata da Polícia Militar sobre o vídeo. O chefe do Estado-Maior das FDI, tenente-general Herzi Halevi, também ordenou que os comandantes falassem imediatamente com seus subordinados sobre o vídeo, em todos os escalões, "dada a gravidade do incidente".

ana.meireles@dn.pt

La Carreta, um restaurante que é um *ex-libris* de Havana antes propriedade do Estado, reabriu enquanto negócio privado.

Num reduto comunista, os capitalistas tornam-se uma tábua de salvação económica

ECONOMIA A revolução comunista em Cuba tomou como alvos os negócios privados, tornando-os maioritariamente ilegais. Hoje em dia estão a proliferar, enquanto a economia socialista está em queda livre.

TEXTO **DAVID C. ADAMS** FOTOS **ELIANA APONTE TOBAR,** *THE NEW YORK TIMES*

Uma mercearia moderna, cujas prateleiras estão repletas de tudo, desde massas a vinho, ocupa um local no centro de Havana, outrora ocupado por uma monótona florista estatal, com tetos e paredes reparados e repintados. Uma antiga empresa estatal de vidro num subúrbio de Havana alberga agora um salão de exposições para uma empresa privada que vende móveis de fabrico cubano. No porto da capital cubana, empilhadoras descarregam cuidadosamente os ovos americanos de um contentor refrigerado. Os ovos vão para um supermercado privado *online* que, assim como o Amazon Fresh, oferece entregas ao domicílio.

Estes negócios fazem parte de uma explosão de milhares de empresas privadas que foram abertas nos últimos anos em Cuba, uma mudança notável num país onde tais empresas não eram permitidas e onde Fidel Castro subiu ao poder liderando uma revolução comunista determinada a eliminar as noções capitalistas, como a propriedade privada.

Contudo, hoje, Cuba enfrenta a sua pior crise financeira em décadas, impulsionada pela ineficiência e má gestão governamental e por um embargo económico dos EUA que dura há décadas, que levou ao colapso da produção interna, ao aumento da inflação, aos constantes cortes de energia e à escassez de combustível, carne e outros produtos de primeira necessidade. Assim, os líderes comunistas da ilha estão a voltar atrás e a aceitar os empresários privados, uma classe de pessoas que outrora difamaram como capitalistas "imundos".

Aproveitando o afrouxamento das restrições governamentais que concedem aos cubanos o direito legal de criar as suas próprias empresas, cerca de 10 200 novas empresas privadas abriram desde 2021, criando uma economia alternativa dinâmica, embora incipiente, ao lado do modelo socialista deficiente do país.

Sublinhando o crescimento das empresas privadas, e as dificuldades económicas do Governo, as importações do setor privado e do Governo no ano passado totalizaram, cada uma, cerca de mil milhões de dólares, de acordo com dados governamentais.

Grande parte das importações do setor privado veio dos Estados Unidos e foi financiada por remessas de dinheiro enviadas pelos cubanos aí residentes para os seus familiares em Cuba. Cerca de 1,5 milhões de pessoas trabalham para empresas privadas, um aumento de 30% desde 2021, e representam agora quase metade da força de trabalho total na ilha das Caraíbas.

"Nunca foi dado tanto espaço ao setor privado para operar em Cuba", disse Pavel Vidal, que estuda a economia cubana e é professor universitário em Cali, na Colômbia. "O Governo está falido, por isso não tem outra hipótese senão convidar outros intervenientes."

Os cubanos funcionários do Estado, incluindo profissionais de colarinho branco, médicos e professores, ganham cerca de 15 dólares/mês em pesos cubanos, enquanto os do setor privado podem ganhar cinco a 10 vezes esse montante.

Apesar do crescimento do setor privado, a sua contribuição global para a economia de Cuba, embora crescente, permanece modesta, representando cerca de 15% da produção interna bruta.

Ainda assim, a transformação económica é suficientemente significativa para conduzir a divisões profundas no sistema comunista da ilha, à medida que uma nova elite empresarial adquire riqueza, algo que é um anátema para a ideologia revolucionária de Cuba.

Os cubanos funcionários do Estado, incluindo profissionais de colarinho branco, médicos e professores, ganham o equivalente a cerca de 15 dólares por mês em pesos cubanos, enquanto os trabalhadores do setor privado podem ganhar cinco a 10 vezes esse montante. Os salários do Governo não dão para muito nas lojas privadas que surgiram, onde um saco de batatas fritas italianas custa 3 dólares, uma garrafa de bom vinho italiano custa 20 dólares e até mesmo uma necessidade diária, como papel higiénico, custa 6 dólares por uma embalagem de 10 rolos.

A maioria dos clientes que podem pagar este tipo de preços recebe dinheiro do exterior, trabalha para outras empresas privadas ou é diplomata.

"É preciso ser milionário para viver em Cuba hoje", disse Yoandris Hierrezuelo, 38 anos, que vende frutas e vegetais numa carroça no Bairro Vedado, em Havana, ganhando cerca de 5 dólares por dia. "O Estado já não consegue atender às necessidades básicas da população."

Membros do Governo cubano disseram que a legalização das empresas privadas não era uma aceitação relutante do capitalismo em prol da sobrevivência económica, deixando claro que as indústrias geridas pelo Estado ainda superam o papel do setor privado na economia.

"Não é uma estratégia improvisada", disse Susset Rosales, diretor de Planeamento e Desenvolvimento do Ministério da Economia, numa entrevista. "Temos uma ideia muito clara do caminho para a recuperação gradual da economia com a incorporação de novos atores económicos complementares à economia estatal socialista."

As autoridades norte-americanas dizem que o crescimento das empresas privadas pode ser um fator de mudança, abrindo caminho para uma maior liberdade democrática e económica.

"A questão é: será suficiente?" pergunta Benjamin Ziff, encarregado de negócios que chefia a Embaixada dos EUA em Cuba. "Cuba está a desmoronar-se mais rapidamente do que está a ser reconstruída. Não há como voltar atrás." Uma questão fundamental, acrescentou, é se o Governo permitirá que o setor privado "se expanda com rapidez e liberdade suficientes para enfrentar os desafios".

A rápida expansão do setor privado de Cuba provocou um profundo ceticismo na comunidade de exilados cubanos firmemente anticomunistas de Miami, onde muitos a rejeitam como um estratagema dos líderes comunistas de Cuba para superar a crise económica e agarrar-se ao poder.

A deputada norte-americana Maria Elvira Salazar, republicana da Florida, uma das três cubano-americanas do sul da Florida no Congresso, liderou uma audiência no Congresso em janeiro sobre negócios privados intitulada *O Mito dos Novos Empreendedores Cubanos* e sugeriu que as licenças para tais empreendimentos fossem reservadas para parentes de funcionários do Governo cubano. "O regime cubano ainda está no poder e não há nada que me prove que esteja disposto a ceder uma parte dessa quota de mercado a qualquer outra pessoa que não a si próprio", disse ela numa entrevista.

Desde a proibição das empresas privadas na década de 1960, Cuba tem, de facto, experimentado práticas de mercado livre durante outros períodos de dificuldades, apenas para as reverter mais tarde, quando as pressões económicas diminuíram.

Quando a União Soviética entrou em colapso no início da década de 1990 e deixou Cuba sem o seu principal benfeitor económico, o Governo emitiu um número limitado de licenças de "trabalho independente" para alguns comerciantes de baixos rendimentos, incluindo barbeiros e reparadores de pneus.

Depois de o presidente dos EUA, Barack Obama, ter restaurado as relações diplomáticas com Cuba em 2015 e relaxado o embargo dos EUA, os turistas americanos inundaram a ilha e as empresas americanas começaram a explorar investimentos.

Ainda assim, o Partido Comunista nunca abraçou totalmente o setor privado, considerando-o como um potencial cavalo de Troia para os "imperialistas ianques".

Então veio um duplo golpe. A eleição de Donald Trump em 2016 levou ao restabelecimento das sanções a Cuba, incluindo a proibição de cruzeiros dos EUA navegarem para lá. Três anos depois, a pandemia de covid-19 fechou totalmente o setor do turismo de Cuba, a sua maior fonte de divisas estrangeiras.

Desde então, Cuba tem estado em queda livre financeira. A produção de carne suína, arroz e feijão, alimentos básicos, caiu mais de metade entre 2019 e 2023, segundo o Governo.

Trabalhadores da Dforja Creations, uma empresa privada que faz móveis, nos arredores de Havana.

Diana Sainz e o marido italiano, Andrea Gallina, abriram dois mercados Home Deli em Havana.

Este ano, Cuba solicitou, pela primeira vez, ajuda do *Programa Alimentar Mundial* das Nações Unidas, para fornecer leite em pó suficiente para as crianças, informou a comunicação social estatal. A falta de petróleo e uma rede elétrica envelhecida levaram a apagões contínuos em todo o país.

A deterioração das condições de vida desencadeou uma rara manifestação pública de infelicidade em março, quando centenas de pessoas saíram às ruas de Santiago de Cuba, a segunda maior cidade do país, gritando "Energia e comida", de acordo com as redes sociais e relatórios oficiais do Governo.

As dificuldades económicas desencadearam um enorme aumento na emigração. Desde 2022, cerca de 500 mil cubanos deixaram a ilha, um êxodo extraordinário para um país de 11 milhões de habitantes, e a maioria dos cubanos que partiram foram para os Estados Unidos.

No meio de tantas privações, as pequenas empresas privadas oferecem uma pequena dose de esperança para aqueles que têm dinheiro para as abrir e para os seus funcionários. Muitos estão a tirar partido dos regulamentos introduzidos em 2021, que concedem aos cubanos o direito legal de criar as suas próprias empresas, que estão limitadas a 100 funcionários.

Por toda a cidade de Havana, estão a surgir novas mercearias e cafés, enquanto pisos inteiros de escritórios arrendam espaços a jovens empreendedores repletos de planos de negócios e produtos, desde construção e *software* até roupas e mobiliário.

Diana Sainz, que viveu no estrangeiro durante grande parte da sua vida e trabalhou para a União Europeia, aproveitou as mudanças económicas no seu país natal e abriu dois mercados Home Deli em Havana, oferecendo uma mistura de produtos produzidos localmente, como massas e gelados, bem como produtos importados, como cerveja e cereais.

Sainz diz que Cuba não tinha um supermercado privado há décadas. "Agora é lindo ver uma loja em cada esquina", disse ela. "Quando comparamos as coisas com há cinco anos, é totalmente diferente."

Ainda assim, muitos empresários disseram que o Governo cubano poderia fazer mais para construir o setor privado.

Os bancos estatais de Cuba não permitem que os titulares de contas tenham acesso a depósitos em dólares para pagar aos importadores devido à falta de moeda estrangeira do Governo para pagar as suas próprias contas. As sanções dos EUA também proíbem serviços bancários diretos entre os Estados Unidos e Cuba. O Governo cubano manteve as principais indústrias fora dos limites da propriedade privada, incluindo a mineração e o turismo, mas isso ainda deixou muitas oportunidades.

Obel Martinez, 52 anos, um decorador de interiores cubano-americano de Miami, fez recentemente uma parceria com o dono de um restaurante local para reabrir um restaurante histórico de Havana, La Carreta, que foi abandonado pelo Estado há uma década.

"O teto estava a cair e tivemos de demolir totalmente o interior e reconstruí-lo", disse ele. Martinez cresceu em Cuba e, depois de trabalhar em Espanha e no México, instalou-se em Miami, mas nunca desistiu de sua residência cubana. "Estamos a mostrar ao Estado que é possível fazer as coisas de outra maneira", disse Martinez, enquanto supervisionava o movimento de uma multidão na hora do almoço no restaurante de 136 lugares, que serve pratos tradicionais cubanos. "E somos totalmente privados."

Este artigo foi publicado originalmente no jornal The New York Times.

Sunak enfrenta número recorde de renúncias

ELEIÇÕES Já vai em 78 o número de deputados conservadores que não se vão recandidatar, batendo o pico de 1997, quando Tony Blair foi eleito.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Michael Gove, ministro da Habitação e um dos membros-chave do Governo de Rishi Sunak, tornou-se o mais importante deputado conservador a anunciar que não será candidato nas próximas eleições gerais, que se realizam no dia 4 de julho, conforme informou o primeiro-ministro britânico esta semana, pondo fim a meses de tabu. A subsecretária para a Saúde Pública, Andrea Leadsom, tornou oficial a mesma intenção, elevando assim para 78 o número de conservadores que não se candidatarão novamente, batendo o recorde de 72 registado em 1997, ano em que o trabalhista Tony Blair chegou ao poder.

"Depois de quase 20 anos a servir o maravilhoso povo de Surrey Heath [o seu círculo eleitoral] e mais de uma década no gabinete de cinco departamentos governamentais, tomei hoje a decisão de renunciar", escreveu Gove na rede social X sexta-feira à noite.

Deputado desde 2005, tutelou várias pastas governamentais desde 2010, como Educação, Justiça ou Ambiente, mas mesmo com este currículo a sua renúncia não surpreendeu alguns analistas, não só pela possível derrota dos conservadores nas próximas eleições gerais, mas também pelo facto de Gove não ter a sua reeleição como deputado garantida, devido à popularidade do candidato Liberal Democrata na sua circunscrição.

"Ninguém na política é recrutado. Somos voluntários que escolhemos voluntariamente o nosso destino. E a oportunidade de servir é maravilhosa. Mas chega um momento em que sabemos que é hora de partir. Que uma nova geração deve liderar", escreveu o ministro da Habitação.

Já Leadsom – que chegou a ser uma das duas finalistas da disputa pela liderança dos conservadores em 2016 para substituir David Cameron, ganha por Theresa May – garantiu que vai continuar "a apoiar o Partido Conservador durante estas eleições gerais e no futuro".

O anúncio de Sunak, feito quarta-feira, de que as eleições seriam a 4 de julho já tinha provocado uma nova onda de conservadores a anunciar a renúncia ao cargo de deputado – segundo contas feitas pelos *media* britânicos, nessa noite, já tinham atingido um total de 70. O nome mais proeminente desta lista é o da ex-primeira-ministra Theresa May, que anunciou em março que não se iria recandidatar.

Para o secretário de Estado do Tesouro, Bim Afolami, "não é antinatural" que deputados *tories* de alto nível, como Gove, renunciem às próximas eleições. "Não é incomum que pessoas que serviram durante 20, às vezes 30 ou 35 anos, no Parlamento, na faixa dos 50 ou 60 anos, se retirem ou até se aposentem totalmente, que optem por pôr fim às suas carreiras políticas."

Afolami disse ainda achar que o partido tem um "bom equilíbrio" entre grandes nomes como o ministro das Finanças, Jeremy Hunt, e deputados mais recentes como ele próprio.

O Partido Conservador tem surgido sempre atrás dos trabalhistas em todas as sondagens desde dezembro de 2021 e o estudo de opinião mais recente, feito pela YouGov para o jornal *The Times*, já depois de ser conhecida a data das eleições, dá 44% das intenções de votos ao *Labour* e 22% aos *tories*.

ana.meireles@dn.pt

> O ministro da Habitação, Michael Gove, justificou sexta-feira a sua decisão dizendo que "chega um momento em que sabemos que é hora de partir".

OLI SCARFF / POOL / AFP

Sunak participou ontem de manhã num pequeno-almoço com veteranos.

Ataque russo atinge grande loja em Kharkiv

A Rússia bombardeou neste sábado uma grande loja de material de construção na cidade de Kharkiv, no leste da Ucrânia, matando pelo menos duas pessoas e ferindo mais de 20, um ataque classificado como "vil" pelo presidente Volodymyr Zelensky.

O governador regional de Kharkiv, Oleg Synegubov, explicou que "duas bombas guiadas russas atingiram um hipermercado de construção" e "um incêndio ocorreu em mais de 15 000 metros quadrados".

Vídeos publicados por testemunhas nas redes sociais mostraram uma enorme coluna de fumo negro devido a um incêndio na Epitsentr, a loja atingida e localizada numa grande área comercial ao lado de um estacionamento. "Até ao momento, sabemos que mais de 200 pessoas poderiam estar dentro do hipermercado", afirmou o presidente ucraniano no Telegram, condenando o ataque diurno contra um alvo "obviamente civil".

"A Rússia desferiu outro golpe brutal na nossa Kharkiv, num hipermercado de construção, no sábado, bem a meio do dia", prosseguiu Zelensky. "Só loucos como Putin são capazes de matar e aterrorizar pessoas de uma forma tão vil", acrescentou.

O presidente da Câmara de Kharkiv, Igor Terekhov, explicou que, segundo o dono da loja, 15 funcionários não tinham estabelecido contacto e aproximadamente 200 pessoas estavam no edifício no momento dos ataques.

Ainda este sábado, a Rússia anunciou que o seu Exército tomou o controlo de outra localidade no leste da Ucrânia, Arkhengelske, na Região de Donetsk, no mais recente de uma série de pequenos avanços territoriais obtidos por Moscovo.

A pequena localidade fica próxima da cidade de Ocheretyne, que a Rússia anunciou ter capturado no início deste mês. **A.M.**

BREVES

Uribe acusado de suborno e fraude

O Ministério Público colombiano acusou formalmente Álvaro Uribe de subornar testemunhas e de fraude no primeiro julgamento criminal do país contra um ex-presidente. Uribe é acusado de "oferecer dinheiro ou outros benefícios a testemunhas selecionadas de atos criminosos" para que não dissessem a verdade num caso que o liga a grupos paramilitares, segundo documento apresentado pelo procurador Gilberto Villarreal. As acusações de suborno e fraude surgem de uma investigação sobre as alegadas ligações de Uribe com políticos de direita. Uribe, de 71 anos, que foi presidente de 2002 a 2010 e ainda é considerado uma das figuras de direita mais influentes da Colômbia, insiste que não é culpado e pediu que o caso fosse arquivado. O ex-presidente pode ser condenado a uma pena até 12 anos de prisão.

Turistas saem da Nova Caledónia

O Governo francês iniciou o protocolo de retirada dos turistas nacionais que se encontram na Nova Caledónia, após dias de agitação naquele território ultramarino do Pacífico devido a uma iniciativa para alargar o direito de voto a quem vive lá há pelo menos 10 anos. Os turistas foram transportados ontem em aviões militares para a Austrália e Nova Zelândia, numa escala antes de regressarem a França em voos comerciais. O território encontra-se em Estado de Emergência desde a semana passada, na sequência de uma vaga de distúrbios que causou sete mortos e centenas de detidos e que obrigou a França a enviar forças de segurança adicionais para o arquipélago. Na quinta-feira, o presidente Emmanuel Macron anunciou uma pausa na reforma até que a situação acalme e as conversações políticas possam ser retomadas.

Análise
Germano Almeida

A Geórgia somos nós

O que está a acontecer na Geórgia não ficará na Geórgia – e tem mesmo a ver com todos nós. Sim, somos europeus. E os georgianos – que sempre estarão na Europa do ponto de vista geográfico – também querem ser europeus. De pleno direito.

O rumo que Tiblíssi vier a seguir nos próximos meses e anos dirá muito sobre que tipo de interferência a Rússia conseguirá ter nas escolhas que o "espaço pós-soviético" pretenda fazer quanto ao seu próprio destino europeu e democrático.

A Geórgia é um dos países candidatos à adesão à União Europeia, a par da Albânia, Bósnia-Herzegovina, Moldávia, Montenegro, Macedónia do Norte, Sérvia, Turquia e Ucrânia. Desde dezembro de 2023, os georgianos obtiveram o estatuto de Candidatos à UE – um ano e meio depois de ucranianos e moldavos terem recebido igual posição.

A UE e a Geórgia já cooperam no reforço das relações políticas e económicas, através da Parceria Oriental. A UE apoia a Geórgia na sua ambição de reforçar os laços com a UE. Bruxelas e o Governo de Tiblíssi acordaram em prosseguir a sua colaboração no sentido de aprofundar ainda mais a associação política e a integração económica da Geórgia com a UE.

A UE apoia firmemente a integridade territorial da Geórgia e a resolução dos conflitos na Abcásia e na Ossétia do Sul, regiões separatistas da Geórgia que a Rússia ocupou em 2008 e que significam perto de 20% do território georgiano, e desempenha um papel ativo neste contexto através da copresidência dos *Debates Internacionais de Genebra*, exercida pelo Representante Especial da UE para o Sul do Cáucaso, e a crise na Geórgia e do destacamento da *Missão de Vigilância e Observação da UE* na Geórgia.

A invasão russa da Ucrânia de 24 de fevereiro de 2022 foi o exemplo maximalista do novo imperialismo que Putin quer projetar de Moscovo sobre o flanco Leste da Europa. Tratou-se, pela agressão, do caso mais grave e assustador: mas não é o único e pode ter sido apenas a primeira dentada mais dura, antes de outras possíveis dentadas em nozes mais pequenas.

A Geórgia, tal como a Moldávia, sabem disso: ambas estão no tal "espaço pós-soviético", ambas têm presença militar russa no seu seio, ambas pretendem entrar na União Europeia, ambas não têm (ao contrário dos Bálticos, da Polónia ou da Roménia), a proteção militar do efeito dissuasor do artigo 5.º do *Tratado de Washington*, que regula a NATO.

Olhemos para Tiblíssi

A "lei dos agentes estrangeiros" – para muitos, a "*Lei Russa*" – tem inspiração de Moscovo e parece ter sido desenhada para impedir o caminho que, nas ruas, domina o sentimento de grande parte do povo georgiano: o de aderir à via europeia e democrática e virar costas ao imperialismo do urso russo.

A capital georgiana, Tiblíssi, foi invadida por expressivas manifestações contra a nova lei, com protestos também dirigidos a Moscovo. Devemos olhar com mais atenção para a evolução do que irá acontecer na Geórgia – até porque os milhares que se manifestam nas ruas da capital pela Democracia e pela Europa fazem-nos demasiado lembrar da Praça Maidan, de Kiev ,em 2014, o *Euromaidan* dos ucranianos.

Esperemos que o comportamento da Rússia de Putin, nos meses e anos seguintes, não seja o mesmo na Geórgia do que foi – e continua a ser – com a Ucrânia.

Mas, afinal, o que diz a "*Lei Russa*"?

A nova legislação prevê que os meios de comunicação social, as organizações não-governamentais e outras entidades sem fins lucrativos devem registar-se como defensoras dos "interesses de uma potência estrangeira" se receberem mais de 20% de financiamento do exterior.

O texto é quase idêntico àquele que o partido no Governo, Sonho Georgiano, foi pressionado a retirar no ano passado, após protestos semelhantes. O partido do Governo afirma que a lei é necessária para conter o que considera uma influência estrangeira prejudicial à atividade de política da Geórgia e evitar que intervenientes externos não-identificados tentem desestabilizá-la.

A presidente da Geórgia, Salome Zourabichvili, uma europeísta nascida em França que se mostra muito mais comprometida com a via europeia do que o Governo, vetou o documento, mas o partido Sonho Georgiano, no poder, tem maioria suficiente para anular esse veto e seguir em frente com a referida lei.

Zourabichvili exige a imediata revogação da lei que está a perturbar a Geórgia. "No seu conteúdo e espírito, a lei é russa e contradiz a nossa Constituição e todas as normas europeias. Obstrui o nosso caminho para a Europa." A presidente georgiana avisou: "A lei não pode ser objeto de qualquer alteração ou melhoramento. Tem de ser revogada."

O partido no poder, o Sonho Georgiano – Geórgia Democrática, autor da lei, tem 84 deputados, mais do que suficientes para a maioria absoluta de um Parlamento com 150 lugares, pelo que tem todas as hipóteses de rejeitar o veto e devolver a lei à presidente para promulgação. Em caso de recusa, o documento pode ser assinado pelo presidente do Parlamento e entrar em vigor.

Zourabichvili não tem poder executivo – mas é a chefe de um Estado que traçou o seu caminho para os próximos anos: aderir à UE e aprofundar as fundações democráticas. Já o Governo de Tiblíssi, embora oficialmente pró-europeu, coloca mais fichas numa não-hostilização a Moscovo.

> "Esperemos que o comportamento da Rússia de Putin, nos meses e anos seguintes, não seja o mesmo na Geórgia do que foi – e continua a ser – com a Ucrânia."

Um lento e prudente afastamento de Moscovo

Os laços entre Tiblíssi e Moscovo são tensos e turbulentos desde a desintegração da URSS, em 1991, e da independência georgiana.

Em 2008, a Rússia travou uma breve guerra com a Geórgia, que tinha feito uma tentativa fracassada de recuperar o controlo sobre a província separatista da Ossétia do Sul. Moscovo reconheceu então a Ossétia do Sul e outra província separatista, a Abcásia, como estados independentes e reforçou a presença militar naqueles locais.

A Comissão Europeia insta o Governo georgiano a seguir o caminho da reforma democrática e alguns eurodeputados apelaram a sanções. "Afinal, a Geórgia é um país candidato, pelo que esperamos – e apelamos às autoridades – que voltem ao caminho europeu e cumpram todos os compromissos que assumiram, voluntariamente, quando solicitaram o estatuto de candidato para o seu país", disse Peter Stano, porta-voz da Comissão Europeia.

Pelo menos 12 Estados-membros pediram ao Executivo Europeu que esclarecesse se a lei levará à potencial suspensão das negociações de adesão. "Chegou a altura de a UE dizer basta a estes jogos duplos. Não se pode fazer parte do processo de adesão e ao mesmo tempo introduzir legislação que está completamente em desacordo com o artigo 2.º do *Tratado da União Europeia*, completamente em desacordo com o compromisso que o Governo georgiano assumiu com a Comissão Europeia", afirmou John O'Brennan, professor na Maynooth University, na Irlanda.

A Geórgia tem de estar na nossa mente

A presidente do Parlamento Europeu, Roberta Metsola, lançou o grito: "Tiblíssi, nós conseguimos ouvir-vos! Nós conseguimos ver-vos! Os georgianos estão na rua pela Europa, empunhando com orgulho a bandeira europeia. Eles querem um futuro europeu, têm expectativa de valores e padrões europeus. O PE está convosco".

A Geórgia já devia estar mais na nossa mente. Antes que seja tarde.

Especialista em Política Internacional

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

A festa de Galeno em 2023 depois de conquistar a prova rainha do futebol nacional pela 3.ª vez seguida.

Galeno quer inédita quarta Taça de Portugal no adeus de Pinto da Costa

FC PORTO–SPORTING Extremo portista foi muito feliz no Jamor nos últimos três anos. Dragões procuram o 20.º troféu da história , enquanto os leões querem a sétima dobradinha.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Wenderson Galeno pode fazer história no Jamor. Caso o FC Porto vença hoje (17.15, RTP1) o Sporting na final da Taça de Portugal, o extremo portista celebrará uma inédita 4.ª conquista consecutiva. Nesse caso, o camisola 13 dos dragões tornar-se-á no primeiro jogador a levantar o troféu quatro vezes seguidas em 84 edições.

Galeno foi feliz no Jamor em 2021 pelo Sp. Braga, repetindo os triunfos em 2022 e 2023 já de dragão ao peito. Foi ele que marcou o golo que garantiu o 3.º lugar do FC Porto na I Liga 2023-24 na semana passada e entrará em campo motivado pela melhor época de sempre em termos de golos.

Entre os jogadores que hoje se preparam para marcar presença no Jamor só Pepe tem mais taças que Galeno. O capitão do FC Porto já tem quatro e pode ganhar mais uma hoje, chegando às cinco. E dado que já tem 41 anos é pouco provável que o defesa-central possa bater os recordistas Carlos Manuel, Nené e José Águas, com sete cada um. "É uma final que representa muito do que é a cultura do futebol português. Apesar da rivalidade das duas equipas é um dia de convívio saudável. Fizemos uma trajetória muito bonita nesta Taça de Portugal, vamos estar bem preparados para disputar esta final e dar o nosso melhor para a ganhar", disse Pepe, que estará em dúvida até à hora do jogo, segundo Sérgio Conceição (*ver texto ao lado*).

No total, o plantel dos dragões goleia o do Sporting em taças (38 contra quatro taças). Do lado leonino apenas três jogadores sabem como é levantar a Taça de Portugal. Sebastián Coates, Paulinho e Ricardo Esgaio, o único leão com mais de uma no palmarés pessoal. O lateral leonino esteve nessa conquista do Sporting de 2015 e festejou novamente em 2021 pelo Sp. Braga, tal como Paulinho, hoje leão.

O que faz com que o internacional brasileiro possa sair do Jamor com o mesmo número de taças que o total do plantel leonino.

E se o treinador do FC Porto Sérgio Conceição venceu três taças de Portugal (2020, 2022 e 2023) e procura o quarto troféu, Rúben Amorim ainda espera por levantar a primeira – a Taça de Portugal é, aliás, o único troféu que lhe falta na curta mas bem-sucedida carreira de treinador.

O domínio azul e branco estende-se também aos líderes. Pinto da Costa tem 15 e, mesmo não indo para o banco e já não sendo presidente do clube, ainda lidera a SAD portista que gere o futebol profissional e, por isso, se o FC Porto ganhar o troféu também será dele. "O primeiro troféu que ajudei a conquistar como diretor do Departamento de Futebol foi uma Taça de Portugal ganha ao Sp.Braga, nas Antas, com um golo do saudoso Fernando Gomes. Já como presidente, vi o FC Porto disputar 22 finais e ganhar 15, a primeira contra o Rio Ave, há 40 anos", recordou Pinto da Costa, que se despedirá hoje dos jogos.

Já Frederico Varandas procura a segunda na condição de presidente, depois dos festejos de 2019 e de também ter estado na conquista de 2015 na condição de médico da equipa leonina: "No Sporting ambicionamos esta conquista e lutaremos por ela, mais uma vez. Queremos a nossa 18.ª Taça de Portugal e juntá-la ao campeonato."

Na sexta final entre leões e dragões, o FC Porto quer o terceiro troféu consecutivo e o 20.º da história. Apenas por uma vez os portistas conseguiram conquistar três vezes consecutivas a Taça de Portugal, entre 2008 e 2011, com o último troféu a ser conseguido por André Villas-Boas, recém-eleito presidente – os outros dois foram conquistados por Jesualdo Ferreira.

O Sporting, cuja última conquista foi em 2019, procura a 18.ª taça e, com isso, somar a sétima dobradinha da história. Depois da temporada 1940-41, 1947-48, 1953-54, 1973-74, 1981-82 e 2001-02, os leões voltam a estar perto de um feito histórico no Jamor.

isaura.almeida@dn.pt

Final da Taça de Portugal joga-se hoje (17.15, RTP1). Pepe ou Coates, um deles levantará o troféu na Tribuna do Estádio Nacional.

Taças de Portugal

FC PORTO

Jogador	Títulos	Ano
Pepe	4	2006/2020 2022/2023
Diogo Costa	3	2020/2022 /2023
Galeno	3	2021*/2022 /2023
João Mário	3	2020/2022 /2023
Iván Marcano	3	2020/2022 /2023
Wendell	2	2022/2023
Zaidu	2	2022/2023
Marko Grujic	2	2022/2023
Eustáquio	2	2022/2023
Fábio Cardoso	2	2022/2023
Pepê	2	2022/2023
Evanilson	2	2022/2023
Taremi	2	2022/2023
Toni Martínez	2	2022/2023
Romário Baró	1	2020
André Franco	1	2023
Francisco Conceição	1	2022
Danny Namaso	1	2023
Cláudio Ramos	1	2022

SPORTING

Jogador	Títulos	Ano
Sebastián Coates	1	2019
Ricardo Esgaio	2	2015 2021*
Paulinho	1	2021*

*Sp. Braga

Jogo 378 pode ser o último de Conceição no FC Porto

Sérgio Conceição espera um belo jogo, um jogo difícil, frente a uma equipa que não perde desde março. "O Sporting é uma equipa extremamente bem orientada, com uma equipa técnica e um treinador com qualidade e jogadores fortes. Penso o mesmo da minha equipa. Trabalhamos de forma a, num jogo que pode ser com prolongamento e penáltis, trabalhámos para ganhá-lo. É mais um título importante para o clube", disse o técnico portista que não conta com Pepe.

Pode ser o primeiro a vencer quatro Taças. "Eu não vivo com isso. Faz parte do que são uns anos de muita dedicação, muita paixão, trabalho e sacrifício. Também de muitas horas que faltei à minha família para poder ganhar. É como se fosse o meu primeiro título. O passado é história", disse o treinador portista, que esta semana disse querer dar mais um troféu a Pinto da Costa na despedida.

E sem querer "voltar a esse assunto", Conceição recusou também revelar o que conversou com André Villas-Boas, o novo presidente, mas não resistiu a fazer um parêntesis para confessar que lhe "passou pela cabeça" que o jogo n.º 378 ao comando do FC Porto pode ser o último. "Se for o meu último jogo, o FC Porto paga-me até ao dia de amanhã [hoje] e eu vou-me embora sem nada. Isto fez muita comichão a muita gente. Vou-me embora sem me pagarem um tostão. Foi muito falada a minha assinatura dois dias antes da eleição. Há uma coisa de que eu não abdico: a gratidão e o respeito pela pessoa que tem mil e tal títulos no clube e me trouxe para aqui com 15 anos", recordou o técnico, garantindo: "Quem decide o meu futuro sou eu. Ponto."

Para finalizar, à semelhança de Amorim, também Conceição avançou o onze do adversário. "Diogo Pinto, Diomande, Coates e Inácio, Geny e Nuno Santos; Hjulmand e Morita; Trincão, Gyökeres e Pote. Penso eu que será esse o onze, mas trabalhámos com a possibilidade de ser um Paulinho, por exemplo. Cabe-nos a nós traçar cenários possíveis", explicou o treinador portista, que procura fechar a época com um troféu.

Rúben Amorim confia na dobradinha

Rúben Amorim confia na conquista da dobradinha que foge ao Sporting há 22 anos. "Esta equipa tem de tornar esta época especial. Os recordes são importantes, mas valem pouco. Os títulos é que importam. Vamos defrontar uma grande equipa, que tem um treinador que ganhou mais do que ninguém em Portugal. O ambiente, esta semana, foi muito diferente das últimas duas e estou muito confiante de que vamos fazer história e continuar o nosso caminho", disse ontem o técnico leonino, que hoje pode conquistar a primeira Taça de Portugal da carreira de treinador. Como jogador venceu uma em 2013-14 pelo Benfica.

"Espero um FC Porto forte. Sérgio Conceição é sempre muito inteligente nestes momentos. Tivemos uma semana longa e estamos preparados para um embate difícil e para o melhor FC Porto. O que aconteceu no campeonato já não interessa. Se a equipa conseguir implementar o seu jogo, vamos estar mais perto de vencer", afirmou o treinador dos leões, confirmando a ausência de Matheus Reis devido a lesão.

E apesar de o Sporting chegar ao Jamor como campeão e o FC Porto procurar salvar a temporada ganhando a Taça, a pressão é igual para os dois lados, segundo Amorim: "Ganhámos o campeonato, mas temos de sentir a mesma pressão de uma equipa que não ganhou nada. Temos de sentir essa pressão, não quero sentir jogadores relaxados por serem campeões. Acho que as duas equipas vão entrar pressionadas."

E como falou antes de Sérgio Conceição (*ver ao lado*), Amorim disse acreditar na recuperação de Pepe e atreveu-se a prever o onze portista, apostando em Diogo Costa, João Mário, Pepe, Otávio, Wendell, Alan Varela, Nico González, Francisco Conceição, Galeno, Pepê e Evanilson.

Questionado ainda sobre a convocatória do selecionador português para o Euro2024, o técnico considerou que Nuno Santos, Pedro Gonçalves e Trincão "têm de se tornar melhores jogadores" para convencer Roberto Martínez, que "gosta mais de outros".

EPA / TOLGA AKMEN

Bruno Fernandes e Dalot erguem taça

O Manchester United, com Bruno Fernandes e Diogo Dalot em campo, conquistou ontem a Taça de Inglaterra de futebol, ao vencer o rival Manchester City (2-1), no Estádio de Wembley, em Londres. Nos *citizens* Bernardo Silva foi titular e Matheus Nunes e Rúben Dias não saírem do banco. Depois de terminar a *Premier League* fora dos lugares europeus, em oitavo (a pior classificação desde 1990), o Manchester United celebrou ainda o apuramento para a fase de grupos da Liga Europa.

LIGA DIAMANTE

Recorde dos 10 mil metros para Chebet

A queniana Beatrice Chebet bateu ontem o Recorde do Mundo dos 10 000 metros femininos, fixando-o em 28.54,15 minutos em Eugene, Oregon, em prova da Liga de Diamante. A atleta de 24 anos, que não corria esta distância desde março de 2020, tornou-se a primeira mulher da história a baixar da barreira dos 29 minutos, tendo a marca da etíope Letesenbet Gidey (29.01,03).

THOMAS COEX / AFP

Barcelona vence *Champions* feminina

O Barcelona conquistou ontem a Liga dos Campeões Feminina de futebol pela terceira vez ao vencer as francesas do Lyon (2-0) em final disputada em Bilbau, Espanha e vista por 50 827 pessoas. No Estádio San Mamés, as catalãs revalidaram o título graças aos golos de Aitana Bonmati, aos 63 minutos, e Alexia Putellas, aos 90'+5'. Só as alemãs do Frankfurt (4) e o Lyon (8) têm mais títulos europeus.

Palma de Ouro para uma fúria americana

PALMARÉS Palma de Ouro sem consensos para o maravilhoso *Anora*, de Sean Baker, vitória algo surpreendente de um dos grandes filmes de um grande festival. Um palmarés que além de Miguel Gomes soube premiar Mohammad Rasoulof de *The Seed of the Sacred Fig*, o favorito e um ator do outra galáxia, Jesse Plemons.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**, EM CANNES

Palmarés do mais politicamente correto possível, mas com um Palma tão surpreendente quanto justa. Quando se pensava que o iraniano Mohammad Rasoulof de *The Seed of the Sacred Fig* ou a indiana Payal Kapadia de *All We Imagine as Light* pudessem vencer o festival, eis que o júri de Greta Gerwig prefere a audácia de um cineasta inspirado: Sean Baker e o seu estupendo *Anora*, uma história sobre uma prostituta de Nova Iorque que se vê de repente a casar com o filho de um poderoso oligarca russo.

Trata-se sobretudo de um imenso *thriller* filmado com uma intensidade tórrida e um humor desconcertante. Cinema também de coração nas mãos: intenso, desmedido, alucinante! A consagração de um cineasta que se tornou célebre com um filme rodado com um telemóvel, *Tangerine* (2015). Aqui fica a certeza que tem uma câmara disponível para o mundo e para nos colocar na pele de uma rapariga presa a um mundo de sexo e objetivação do corpo.

Mesmo sem a Palma, *The Seed of the Sacred Fig*, de Rasoulof, foi o grande aplauso da noite quando venceu o Prémio Especial do Júri. Era realmente o filme que importava premiar, a sua urgência de protesto é um petardo de exposição sobre um regime assassino e cruel. Importava também alertar o mundo para a constante perseguição de que os artistas e as mulheres são alvo pelo Governo iraniano – o filme foi rodado clandestinamente e só há duas semanas Rasoulof conseguiu escapar do seu país depois de muito tempo vigiado e detido.

The Seed of the Sacred Fig é um relato sobre a verdade. A verdade e a mentira como fonte de uma posição ética, tanto na vida social como na família. Filma-se um escrutínio de um pai e de uma mãe, casal que tenta educar as suas filhas adultas, apanhadas numa altura em que percebem que o seu pai é um investigador importante do Governo, alguém responsável por eventualmente passar sentenças de morte numa altura em que há revoltas e manifestações na rua após a morte de uma jovem que não terá respeitado os códigos religiosos da teocracia dominante. Nas duas horas e meia de duração, o filme avança em tensão para um dissolução familiar, daquelas que só uma revolução pode manter a união das três mulheres, quase como um sufocante exercício de *suspense* em *huis clos*.

Sean Baker, um cineasta que em *Anora* faz a sua obra-prima.

LOIC VENANCE / AFP

Numa entrevista a publicar em breve no DN, o realizador pedia que a imprensa ajude a condenar o regime e a alertar para o facto de toda a equipa do filme estar sem documentos e impedida de viajar para fora do Irão: "Felizmente há as redes sociais e os telemóveis a filmar todas estas barbaridades". *The Seed of the Sacred Fig* está pejado de vídeos verdadeiros a denunciar a repressão das autoridades. O cinema de choque a resistir e a ser uma evidência que nos põe como testemunhas.

> Mesmo sem a Palma, *The Seed of the Sacred Fig*, de Rasoulof, foi o grande aplauso da noite quando venceu o Prémio Especial do Júri. Era o filme que importava premiar, a sua urgência de protesto é um petardo de exposição sobre o regime iraniano.

Prémios justos, mas sem Andrea Arnold

Bem aplaudido também o *Grand Prix*, neste caso para *All We Imagine as Light*, da Payal Kapadia, já adquirido para Portugal.

Foram ainda premiados Jaques Audiard, Prémio do Júri para *Emilia Perez*, Coralie Fargeat, Melhor Argumento em *The Substance*, Jesse Plemons, Melhor Ator em *Histórias de Bondade*, e todo o elenco de *Emilia Perez*, de Jacques Audiard, Prémio de Interpretação Feminina.

TOP RUI PEDRO TENDINHA

BIRD
Andrea Bird
(Competição)

HISTÓRIAS DE BONDADE
Yorgos Lanthimos
(Competição)

ANORA
Sean Baker
(Competição)

VOLVEREIS
Jónas Trueba
(Quinzena dos Cineastas)

THE SHROUDS
David Cronenberg
(Competição)

TOP JOÃO LOPES

SCÉNARIOS
Jean-Luc Godard
(Clássicos)

OH, CANADA
Paul Schrader
(Competição)

ALL WE IMAGINE AS LIGHT
Payal Kapadia
(Competição)

THE SHROUDS
David Cronenberg
(Competição)

MEGALOPOLIS
Francis Ford Coppola
(Competição)

O dia de sorte de Miguel Gomes

PRÉMIO É um dos mais importantes prémios de sempre do cinema português. Miguel Gomes ontem venceu em Cannes a Melhor Realização. O júri foi na valsa do real e da fábula e premiou *Grand Tour*. Agora, ninguém para Miguel Gomes... Nas curtas, Daniel Soares ficou com a Menção do Júri por *Bad for a Moment*.

No discurso da vitória Miguel Gomes falou em sorte. Mas o júri presidido por Greta Gerwig não deu o Prémio de Melhor Realização por um capricho. Esta história de amor no sudeste da Ásia que se teatraliza por entre as camadas do real que as paisagens orientais dão deve ter tocado Gerwig e companhia.

O Prémio de Melhor Realização em Cannes vai dar uma visibilidade de estratosférica a *Grand Tour*, cinema destemidamente de ensaio sem perder o pé no grande romanesco. Mas Miguel Gomes quis *mise-en-scène*, ser realizador na cerimónia. Desafiou o protocolo e disse que era ele a dirigir aquela "sequência", que se estava a sentir sozinho no palco. Pois bem, chamou a equipa ao palco e disse que o cinema não se faz sozinho. Depois, puxou as brasas ao cinema português: "Obrigado ao cinema português e aos seus grandes cineastas que me inspiraram como Manoel de Oliveira."

Agora, infelizmente, se não houver mudanças, o filme poderá ser visto comercialmente entre nós depois do verão. É pena não capitalizar já este prémio e o alarido *cannois* – em França os filmes que estreiam em cima do festival têm tido resultados comerciais notáveis, em particular *Le Deuxième Acte*, de Quentin Dupieux. Espera-se uma carreira internacional fulgurante para um filme que teve uma receção crítica muito favorável, mesmo havendo alguns detratores.

Na noite anterior, a produtora do filme, Filipa Reis, não parecia muito otimista quanto aos rumores de palmarés. Ao DN chegou mesmo a dizer que não tinha recebido nenhum sinal da organização do festival para não apanhar o avião de volta...

Gomes "feliz e orgulhoso"

Miguel Gomes, num encontro com a imprensa após a vitória falava em honra e dizia-se feliz: "A primeira pessoa em quem pensei, mal ouvi o meu nome a ser chamado ao palco, foi alguém da minha equipa que, por acaso, está casada comigo e estava, felizmente, ao meu lado." O filme é precisamente dedicado a Maureen Fazendeiro, cineasta também.

O filme nasce de uma inspiração de uma parte de um romance de Somerset Maugham e trata-se de uma história que é divida em dois momentos e pontuada com imagens reais na Ásia contemporânea, recolhidas em vários formatos, misturadas com o esplendor do estúdio, neste caso um estúdio em Roma onde se recriam florestas, hotéis e outras ambiências asiáticas.

Prémio importante nas curtas-metragens

Também nas curtas-metragens houve boas notícias: Daniel Soares, cineasta aveirense, foi agraciado com a Menção do Júri por *Bad For a Moment – Mau por Um Momento*, observação bem curiosa de um impasse moral de um arquiteto que pode estar a contribuir para a gentrificação num bairro "problemático" na Margem Social.

A invasão de Cannes não podia ter corrido melhor. Não é por acaso que Payal Kapadia no discurso ao agradecer o *Grand Prix* tenha referido que Miguel Gomes é uma referência... **R.P.T.**

SAMEER AL-DOUMY / AFP

Miguel Gomes, depois do palmarés oficial da *Berlinale* por *Tabu*, *jackpot* em Cannes com o Prémio de Realização.

© FABRICE ARAGNO

Jean-Luc Godard no trabalho: ver é também tocar.

As lições póstumas de Godard

MEMÓRIAS Algumas das imagens finais de Jean-Luc Godard surgiram em Cannes, esclarecendo temas e métodos de trabalho – foram momentos marcantes da, cada vez mais importante, *Secção de Clássicos*.

TEXTO **JOÃO LOPES**, EM CANNES

Pelo menos desde 1995, quando o cinema assinalou o centenário da primeira projeção pública organizada pelos irmãos Lumière, a memória dos filmes deixou de ser encarada como uma coleção de dados mais ou menos pitorescos, para ser tratada como um capítulo fundamental – técnico, artístico e simbólico – da vida pública do cinema. Com a *Secção de Clássicos*, o *Festival de Cannes* tem sido um território de eleição para a consolidação de tal dinâmica. Através de duas fundamentais linhas de força: a apresentação de cópias restauradas de filmes que, por alguma razão, são referências históricas incontornáveis, e a estreia de documentários empenhados em revalorizar o valor das memórias cinéfilas.

Este ano, alguns desses documentários enraizavam-se num pressuposto de trabalho que, não sendo inédito, adquiriu, subitamente, um peso muito especial. A saber: a evocação de algumas personalidades emblemáticas fez-se, não através de um discurso "sobre", mas a partir daquilo que os próprios retratados disseram, avaliando a sua vida e a sua obra.

Assim aconteceu com três nomes fulcrais da produção francesa enraizada nos tempos heroicos da *Nova Vaga*: dois realizadores, François Truffaut (1932-1984) e Jacques Demy (1931-1990), e um compositor, Michel Legrand (1932-2019). E também com uma atriz lendária de Hollywood: Elizabeth Taylor (1932-2011).

O documentário sobre Elizabeth Taylor, realizado por Nanette Burstein, tem por base um documento precioso, inédito, em que ela recorda filmes e momentos decisivos da sua carreira. Chama-se, por isso, *Elizabeth Taylor: The Lost Tapes*, já que se trata de escutar as conversas gravadas com o jornalista Richard Meryman (para um projeto de livro que não se concretizou).

Através da combinação de imagens de arquivo, incluindo extratos dos filmes citados, descobrimos uma Elizabeth Taylor de espantosa frieza analítica, resistindo a todos os *clichés* da fama e, metodicamente, dando conta de situações reveladoras de contextos muito precisos. Por exemplo, é verdade que *Bruscamente no Verão Passado* (1959), de Joseph L. Mankiewicz, ficou como um dos títulos mais admiráveis da sua filmografia, mas não é menos verdade que "toda a gente em Hollywood" a aconselhou a não aceitar o projeto. Porquê? Por causa da homossexualidade da personagem que espoleta o drama escrito por Tennessee Williams…

Quanto a Jacques Demy, *Le Rose et le Noir*, de Florence Platarets, e *Il Était Une Fois Michel Legrand*, de David Hertzog Dessites... Eis dois filmes que, por assim dizer, dialogam entre si, já que Legrand compôs as músicas de alguns dos mais lendários trabalhos de Demy, incluindo *Os Chapéus de Chuva de Cherburgo*, também exibido numa cópia restaurada (assinalando os 60 anos da sua Palma de Ouro).

Entretanto, *Le Scénario de Ma Vie*, sobre François Truffaut, de David Teboul, expõe com impecável didatismo a dimensão autobiográfica do autor de *Os 400 Golpes* (1959).

Godard por Godard

Momentos inesquecíveis foram vividos com a revelação daquilo que podemos chamar as "imagens finais" de Jean-Luc Godard (1930--2022), apresentadas por Fabrice Aragno, um dos colaboradores mais próximos dos últimos anos da sua obra – recorde-se que Aragno esteve em Portugal, em novembro de 2023, para apresentar no âmbito do *LEFFEST* a exposição *Éloge de l'Image* inspirada pela derradeira longa-metragem de Godard, *O Livro de Imagem* (2018).

Pudemos ver, assim, duas singulares curtas-metragens: primeiro, *Scénarios*, coleção de imagens literalmente terminais, já que aí encontramos um breve plano do próprio Godard, registado na véspera da sua morte voluntária (por "suicídio assistido", segundo a expressão da lei suíça); e *Exposé du Film Annonce du Film "Scénario"*, a partir das páginas de um caderno de trabalho, ligando a materialidade das imagens aos grandes temas da história e da arte que assombram a filmografia godardiana. Tudo isso exposto a partir de uma visão que, em termos práticos e poéticos, nunca é estranha ao labor, elegante e imprevisível, das mãos do cineasta – ver é também tocar.

Prova de Vida*

Rui Mateus

TEXTO **ANTÓNIO ARAÚJO**

Esta é mesmo uma prova de vida (ou uma tentativa de sê-lo), pois, no rigor do rigor, ninguém sabe ao certo onde está, e se está, o cidadão Rui Mateus, nascido na Covilhã aos 16 de Abril de 1944 e, portanto, hoje com 80 anos. Há mais de 20 anos, o *Público* tentou encontrá-lo, sem êxito, e todos os fundadores do Partido Socialista contactados por aquele jornal disseram desconhecer o seu paradeiro (cf. *Público*, de 19/4/2003). Pela mesma altura, coincidente com o vigésimo aniversário do PS, o *Correio da Manhã* perguntava "Onde Está Rui Mateus?", estranhando que ele não tivesse sido convidado para o almoço celebratório da fundação do partido. Um elemento do secretariado do PS afiançava que o seu nome não fora, de modo algum, eliminado do historial socialista e que até constava da lista de fundadores do PS patente no Largo do Rato. Simplesmente, garantiram, ignorava-se onde morasse, dizendo uns que residia na Suécia (país onde vivera antes do 25 de Abril e terra natal da sua mulher Gunilla), asseverando outros que se encontrava a dar aulas nos Estados Unidos (país com quem manteve especiais relações enquanto dirigiu as relações internacionais do PS).

De certo e sabido, é líquido que desapareceu para parte incerta, não sem antes ter aparado aquele inenarrável e fabuloso bigode-mariachi com que surge em inúmeras fotografias ao lado de inúmeras personalidades mundiais de primeiro plano, ou plana, tais como Sua Santidade Paulo VI (e Sua Santidade João Paulo II), Ronald Reagan e George Bush (ambos na Casa Branca), o ladino Yasser Arafat, o malogrado Issam Sartawi, da OLP (foto tirada em Vilamoura, na véspera de este ser baleado no átrio do Hotel Montechoro), o não menos malogrado Bernt Carlsson (sueco e dirigente da Internacional Socialista, uma das 270 vítimas do atentado de Lockerbie), o rei D. Juan Carlos de Bourbon (também ele autoexilado no estrangeiro à conta de um escândalo de corrupção), o senador Ted Kennedy e, enfim, tudo quanto era a *crème de la crème* da socialistada europeia e mundial das décadas de 70 e 80, de Mitterrand a Willy Brandt, passando por Helmut Schmidt, entre outras trutas.

As fotografias congratulatórias, claro está, fazem parte do livro-bomba *Contos Proibidos – Memórias de um PS desconhecido*, que Rui Mateus deu à estampa, com a chancela das Publicações Dom Quixote, de Nelson de Matos, em Janeiro de 1996. A obra, com uma colossal tiragem de 30 mil exemplares, esgotou no próprio dia em que foi lançada aos escaparates das casas livreiras, mas, e apesar desse sucesso instantâneo (diz a Wikipédia que caso único na história das letras lusas), nunca mais foi reeditada, estranhamente, sendo hoje considerada uma raridade bibliográfica, pela qual chegam a pedir no OLX coisa de 50 euros, ou mais.

Mário Soares, o principal visado no livro, jurou que nunca o leu (por exemplo, no livro-entrevista com Maria João Avillez, *Soares*, 1996, pp. 162-163) e, em *Um Político Assume-se – Ensaio Autobiográfico, Político e Ideológico*, de 2011, afiançou mesmo que ele não teria sequer sido escrito por Mateus, já que este não sabia "minimamente escrever." Não ficaram por aqui as farpas do ex-Presidente, algumas bem dolorosas, referindo-se Soares a "um fundador do PS, de poucas letras, mas que falava bem inglês, que conheci em Londres, onde era empregado num restaurante." "Levava-me as pastas de vez em quando", carrega Soares, o qual, segundo o testemunho de alguns dos seus próximos, como José Manuel dos Santos, não terá ficado especialmente agastado com a saída do livro, pois este "não tinha nada de muitíssimo grave, era conversa de porteira" (cf. Pedro Dórdio, "Os livros malditos da democracia portuguesa", *Observador*, de 31/1/2021).

Não é isso que transparece, de modo algum, do depoimento que Soares prestou a Joaquim Vieira para o livro *Mário Soares – Uma Vida*, de 2013, dizendo o jornalista-biógrafo que, em conversa, o ex-Presidente dirigiu-se "de forma áspera" ao seu antigo homem de mão, mimoseando-o com "impropérios irreproduzíveis", dos quais Vieira só reproduziu os mais suaves, a saber: "um palerma" e "um borra-botas." Do *best-seller*, Soares entendia ser "uma pepineira sem nome: é um livro feito *ad hominem* para me lixar. Aquilo foi uma vergonha. O gajo nunca mais apareceu em público, ninguém sabe onde é que ele está nem o que faz. Ainda bem. Desapareceu, pronto. Era um palerma." Mateus, acrescenta Soares, era "um tipo simpático", "mas depois começou a achar que podia ser ministro dos Negócios Estrangeiros – e foi aí que começou a minha questão com ele. Um dia veio falar-me disso: 'Ah, agora é a altura de eu ser ministro dos Negócios Estrangeiros.' E eu disse-lhe: 'Ó Rui Mateus, tu és quase analfabeto, mal sabes ler e escrever. Como é que queres ser ministro dos Negócios Estrangeiros?'." Na crua explicação de Soares, fora a amante de Mateus que o pusera a sonhar tão altos voos: "quem lhe criou a expectativa foi a amante dele, que era secretária e queria ser mulher do ministro", hipótese corroborada por Bernardino Gomes, para quem Mateus tinha "uma namorada (não a mulher, que era sueca) que era ambiciosa" e que o precipitou na desgraça: "começa-se a vê-lo comprar coisas extravagantes, a fazer uma vida que ele não tinha dinheiro para fazer, coisas desse género, que eram óbvias – não podia ser" (cf. Joaquim Vieira, *ob. cit.*, p. 638).

O facto é que, apesar de "borra-botas", "palerma" e "quase analfabeto", Rui Mateus, ou alguém por ele, escreveu um dos livros-sensação do regime e, segundo se diz, houve mesmo o projecto de publicar um outro, porventura ainda mais cáustico e pesado. Ao que parece, foi desaconselhado de o fazer pelo seu advogado, Germano Marques da Silva, ainda que este pouco se recorde disso: "Não me lembro de ter desaconselhado o Dr. Rui Mateus de escrever um segundo livro, embora admita que o possa ter feito. Findo o processo terei porventura considerado que era tempo de enterrar o assunto até porque a publicação de um novo livro iria provavelmente suscitar mais processos e abrir feridas que a demora na tramitação do processo tinha amenizado." Sobre o seu antigo constituinte, a eterna nota de mistério: "Há mais de cinco anos que não tenho qualquer contacto com o Dr. Rui Mateus. Nem sequer sei onde vive. Julgo que vive na Suécia, mas não tenho a certeza. O Dr. Rui Mateus decidiu pôr uma pedra sobre o passado depois de um processo que durou cerca de 20 anos. Desconheço todas as razões, mas julgo que se considerou vítima da justiça e da política." (cf. Pedro Dórdio, *ob. cit.*; cf. tb. Enrique Pinto Coelho, "O livro que vendeu 30 mil e desapareceu", jornal *i*, de 1/9/2009).

O então procurador-geral da República, Cunha Rodrigues, que também garante não ter lido o livro de Mateus, nomearia um magistrado para analisá-lo à lupa, mas daí não resultaram processos, nem para os nomes nele visados nem para o autor da obra, o qual, contactado a este propósito pelo *Expresso*, de 14/12/2006, respondeu por *e-mail*: "Nunca fui chamado ou ouvido para prestar quaisquer declarações ou esclarecimentos, apesar das questões mencionadas no livro poderem ser – e terem sido, por muitos – consideradas graves."

A obra, é óbvio, circula hoje pela Internet, em formato PDF, em blogues como o Aventar ou *sites* como o Tugaleaks, e é recorrentemente usada como arma de arremesso contra o PS, como sucedeu num artigo de Filipe Charters de Azevedo no *Dinheiro Vivo*, de 1/5/2023 ("E 50 anos para não esquecer que a luta continua"), noutro de Helena Matos no *Observador*, de 20/11/2022 ("Precisa-se manual de boas maneiras para criticar o PS de forma correcta"), ou noutro ainda de António Pina do Amaral no jornal *O Diabo*, de 29/11/2009 ("O amigo americano: Rui Mateus, o homem que sabe demais") (cf. ainda, num registo diferente, Ana Sá Lopes, "Macau, o maior embaraço da vida política de Soares", *Nascer do Sol*, de 7/1/2017).

De resto, a questão do "fax de Macau" – no fundo, o ponto mais fulcral e escaldante de *Contos Proibidos* – fora logo utilizada na campanha presidencial de 1991, já que a notícia bombástica de *O Independente*, dando conta da alegada corrupção do governador de Macau, Carlos Melancia, surgira não muito antes e, claro, foi lançada pelo candidato Basílio Horta num aceso debate televisivo com Mário Soares, a quem aquele chamou de "o padrinho." Na recordação de Soares: "Basílio Horta (…) aproveitou os debates televisivos para atingir a minha idoneidade pessoal. Cortei relações com ele, porque uma tal acusação – feita a uma pessoa que se orgulha de ser impoluta, como eu – não se perdoa. Bastantes anos depois, pediu-me desculpa e fizemos as pazes." A reconciliação foi tão calorosa e amigável que, em 2013, Mário Soares surgiria, ao lado de Jorge Sampaio e de Freitas do Amaral, na comissão de honra da candidatura à câmara municipal de Sintra por parte de Basílio Horta, entretanto mudado para o PS.

Hoje, o que foi o caso do "fax de Macau" pouco dirá às gerações mais novas: por um lado, poucos usam o telefax; por outro, Macau já não nos pertence. Na época, porém, foi um escândalo sem precedentes, dos maiores da história da democracia, porventura o maior.

Hoje, o que foi o caso do "fax de Macau" pouco dirá às gerações mais novas: por um lado, poucos usam o telefax; por outro, Macau já não nos pertence. Na época, porém, foi um escândalo sem precedentes, dos maiores da história da democracia, porventura o maior. E tudo começou, como sabem os mais idosos, pela seguinte história, aqui assaz resumida: no âmbito da construção do novo aeroporto de Macau, uma empresa alemã, a Weidleplan, terá efectuado um pagamento à empresa Emaudio no valor de 50 mil contos (sensivelmente 250 mil euros, ao câmbio de hoje). Como os trabalhos do aeroporto foram atribuídos a uma empresa concorrente, a Aéroports de Paris, os alemães quiseram a devolução do dinheiro, cabendo explicar que os sócios da Emaudio eram, entre outros, Rui Mateus, Strecht Monteiro, Menano do Amaral e João Tito de Morais, antigo homem de confiança de Soares na RTP e na ANOP, que então dirigia a CEIG, a cooperativa que editava e imprimia as publicações do PS, como o *Acção Socialista* e o *Portugal Socialista*, e era proprietária do *Autosport* e do *Blitz!* Mateus aconselharia Strecht Monteiro a dizer aos alemães para enviarem um *fax* a Melancia, pedindo a massa de volta, coisa que aqueles fizeram, sem qualquer resultado. Mateus decide, então, numa decisão *kamikaze*, entregar uma cópia do malfadado *fax* à jornalista Helena Sanches Osório, de *O Independente*, que largou a bomba (mas, depois, acabou por surgir como testemunha de acusação do próprio Mateus…).

Em face da notícia de *O Independente*, Cunha Rodrigues mandou instaurar um inquérito, a cargo de Rodrigues Maximiano. Tendo este elaborado a sua acusação, Cunha Rodrigues foi a Belém, comunicar ao Presidente que um dos implicados era Melancia. Mário Soares começou por recebê-lo com bonomia, mas, ao ouvir o nome do governador de Macau, explodiu dizendo "O senhor só se mete com os meus amigos!", entre outras

VÍTOR HIGGS/DN

“imprecações”, nas palavras eufemísticas do antigo procurador-geral, que se abstém de as reproduzir e conclui, tão-só: “confesso que me senti constrangido.” (cf. *Memórias Improváveis. Os longos anos de um procurador-geral*, 2020, p. 148).

Seguiu-se uma enorme embrulhada, política e judicial, e, no final, Carlos Melancia acabou absolvido, num processo separado, mas os arguidos do “caso Emaudio” foram condenados a prisão efectiva, na casa dos dois anos de cadeia. Nas palavras sibilinas de Cunha Rodrigues, “a opinião pública digeriu com *justificada perplexidade* o facto de, no primeiro julgamento, o Tribunal ter condenado os arguidos por terem corrompido o Governador e, no segundo, a Justiça (outro Tribunal), ter absolvido o Governador, por considerar não ter sido corrompido” (*ob. cit.*, p. 149, itálico acrescentado). A terminar, Cunha Rodrigues afirma, novamente enigmático, “tenho razões para pensar que [Mário Soares] nunca esqueceu o caso de Macau”, referindo que o ex-Presidente sempre primou pela ausência nas diversas homenagens públicas que lhe foram prestadas, invocando invariavelmente inadiáveis motivos de agenda.

Em verdade, o nome de Mário

Rui Mateus, de seu lado, optou por autoimolar-se através de um *best-seller* escandaloso, prenhe de acusações a Soares e à forma como este liderava o PS tratando-o como propriedade sua – e ao exclusivo serviço dos seus interesses.

Soares acabou por ser chamado à baila no “caso do fax”, mas nada mais do que isso. De resto, Soares sempre garantiu nunca ter tido conhecimento prévio do famigerado *fax*, ainda que, muitos anos mais tarde, Almeida Santos tenha dito, sem tirar nem pôr, que “Mário Soares teve conhecimento prévio do fax de Macau. Era uma situação complicada, punha problemas ao PS – ele tinha de ter conhecimento” (cf. Joaquim Vieira, *ob. cit.*, p. 633).

Quanto a Melancia, cuja inocência Soares sempre defendeu, foi obrigado a demitir-se após uma audiência no Palácio de Belém que adivinhamos tempestuosa e, pese os elogios do ex-Presidente, acabou por acusar este último, e cita-se, de o ter “atraiçoado”: “Senti-me atraiçoado. Percebi que ele [Soares] estava dedicado a assegurar a sua reeleição e que isto era um problema que dispensava” (cf. Fernando Esteves, *Jorge Coelho, o Todo-Poderoso*, 2014, p. 104). Nove anos depois, no dia em que foi absolvido, Soares ligou-lhe, mas Melancia mandou dizer que não estava.

Rui Mateus, de seu lado, optou por autoimolar-se através de um *best-seller* escandaloso, prenhe de acusações a Soares e à forma como este liderava o PS tratando-o como propriedade sua – e ao exclusivo serviço dos seus interesses. Segundo Mateus, o líder socialista “tinha uma poderosa rede de influências sobre o aparelho de Estado através da colocação de amigos em postos-chave, escolhidos não tanto pela competência, mas porque podem permitir a Soares controlar aquilo que, efectivamente, nunca descentralizará – o poder” (*ob. cit.*, pp. 151-152); “para ele, o Partido Socialista não era um instrumento de transformação do País baseado num ideal generoso, mas sim uma máquina de promoção pessoal” (p. 229) e, mais ainda, existiam “duas faces: a do Mário Soares afável, solidário e generoso e a outra, a do arrogante, egocêntrico e autoritário” (p. 237).

Na SIC, Miguel Sousa Tavares entrevistou Rui Mateus de forma hostil, começando por perguntar-lhe “como é que se sente na pele de um traidor?” e o editor do livro explosivo, Nelson de Matos, disse não ter sofrido ameaças, mas sido alvo de “comentários negativos”, que lhe causaram “bastantes dificuldades pessoais.” Anos volvidos, e entrevistado pelo jornal *i*, Joaquim Vieira diria, em 2009, que “o livro adianta imensos detalhes que reforçam a sua credibilidade e nenhum deles foi alguma vez desmentido”, enquanto, na mesma ocasião, Bernardo Pires de Lima considerou: “parece-me evidente que [o livro] desapareceu de circulação rapidamente por ser um documento incómodo para muita gente, sobretudo altas figuras do PS, metidas numa teia de tráfico de influências complicada, que o livro não se recusa a revelar com documentos”. Por isso, teve um destino semelhante a uma outra obra – e outra raridade bibliográfica –, *Dicionário Político de Mário Soares*, de Pedro Ramos de Almeida, que a Caminho editou em 1985, uma resenha das contradições políticas do candidato a Belém, retirada prudentemente dos escaparates quando o PCP apoiou Soares na segunda volta das presidenciais de 86.

***

Hoje, à distância de tantos anos, percebe-se que o caso do “fax Macau” – e o sinuoso comportamento das diversas partes envolvidas – não deve, nem pode, ser avaliado na perspectiva de um juízo moral, já que, sob esse ponto de vista, todos dali saem mal, mesmo muito mal: Soares, por ter acabado a chamar “borra-botas”, “palerma” e semianalfabeto a um homem que antes colocara a dirigir as relações internacionais do PS e a presidir ao conselho directivo da Fundação Luso-Americana; Melancia, por só ter ousado falar da “traição” de Soares muitos anos depois do ocorrido, quando o ex-Presidente se encontrava já na recta final da sua vida; e Rui Mateus, é evidente, por ter calado durante décadas aquilo que considerava serem as peculiaridades de carácter do seu chefe, ocupando alegremente, pela sua mão, sucessivos cargos no interior do PS ou na sua órbita.

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

Com pouco relevo moral, já que de moral teve pouco ou nada, e escasso interesse político, já que hoje tudo está morto, ou quase, *Contos Proibidos* reveste-se, sobretudo, de um indiscutível valor histórico, mesmo que descontemos, e muito, o facto de ter sido escrito como gesto de vingança, sendo, por isso, um livro naturalmente parcial e enviesado. Quanto aos factos nele relatados, não foram até hoje desmentidos por nenhuma das personalidades citadas – e são muitas –, o que não significa, obviamente, que sejam necessariamente verdadeiros. Uma apreciação desapaixonada e isenta, independente, deve ater-se menos à floresta de pormenores, muitos dos quais escabrosos, que são referidos naquele livro maldito, e mais à *big picture* que dele resulta, um retrato inigualável sobre a génese de um dos partidos fundadores da democracia portuguesa e sobre o lançamento da sua extensa e preciosa rede de contactos internacionais, na Internacional Socialista e não só (até Kadafi, garante Mateus, foi um dos financiadores do PS no pós-25 de Abril). Por ali percebe-se quão difícil foi a vitória dos mencheviques portugueses sobre as tentações totalitárias do PCP e da extrema-esquerda, como se percebe o modo como o PS beneficiou, e muito, da vaga socialista ou social-democrata que então percorria a Europa (a RFA de Brandt e de Schmit; a Áustria de Bruno Kreisky; a Bélgica; a Dinamarca; a Finlândia, o Reino Unido de Harold Wilson e James Callaghan; a Holanda de Joop den Uyl; Israel; o Luxemburgo; a Noruega; a Suécia de Olof Palme) e como isso lhe permitiu tornar-se um "partido de poder" com extensas ramificações no aparelho de Estado, na comunicação sindical, no sindicalismo e nas autarquias, no inefável "mundo da cultura."

O facto de a motivação do autor ao escrever este livro não ter sido das melhores nem mais nobres, bem longe disso, não deve levar-nos a descartá-lo por inteiro, até porque há nele dados factuais incontroversos, que não só complementam, e por vezes contrariam, a historiografia oficial do partido como hoje, sobretudo hoje, se afiguram deveras surpreendentes.

Um deles, curiosíssimo, tem a ver com contactos havidos, por sugestão de Frank Carlucci, com a empresa de *lobbying* de Paul Manafort (a Black, Manafort & Kelly), a qual, para a campanha presidencial de Soares, em 1986, terá sugerido, inclusive, "plantar" no *The New York Times* uma notícia falsa sobre as ligações de Freitas do Amaral ao KGB (!). Após o triunfo de Soares sobre Freitas, Manafort telefonou a Mateus, em êxtase, dizendo-lhe "como vês, o segredo era Pintasilgo. *Well done anyway!*", com isso querendo afirmar que a candidatura da ex-primeira-ministra fora decisiva para dividir os votos à esquerda e, acima de tudo, para impedir a passagem de Zenha à segunda volta. Rui Mateus assevera ainda que as ligações de Manafort à Casa Branca conseguiram que, no discurso de Ronald Reagan na Assembleia da República, em 1985, fossem retirados quaisquer elogios ao Presidente Ramalho Eanes, reservando o Presidente americano, em Sintra, uma palavra de apreço para o primeiro-ministro Soares. Paul Manafort, como é sabido, além de trabalhar para ditadores de todo o mundo, acabou preso por mil e uma tropelias, tentando agora o seu regresso *in aperto* à campanha de Donald Trump (cf. Cátia Bruno, "Manafort, Soares e Dias Loureiro. Os laços a Portugal do homem de Trump que se move na sombra", *Observador*, de 19/9/2017).

Outro facto, igualmente surpreendente, sobretudo com o que actulmente sabemos das três personagens em causa, tem a ver com Silvio Berlusconi, com Rupert Murdoch e com Robert Maxwell. Todos vieram a Portugal quando o PS pensava aventurar-se na comunicação social, aproveitando os recursos das fundações a ele ligadas e os fundos sobrantes do MASP (Movimento de Apoio Soares à Presidência). Berlusconi esteve cá, foi recebido em Belém, reuniu com Mário e João Soares em Nafarros, os homens da Emaudio viajaram até Milão, a convite do patrão da Mediaset, visitaram-no no seu magnífico palácio de Arcore. Por sua vez, Rupert Murdoch, o magnata da News Corporation, também veio a Portugal, onde, entre outras coisas, pediu para comer lagosta num restaurante de Paço d'Arcos e quis encomendar um serviço da Vista Alegre para a sua mulher. O triunfador acabaria por ser Robert Maxwell, com quem Soares logo estabeleceu uma relação muito próxima, fruto de ambos serem amigos de Mitterrand, de Maxwell falar francês e, sobretudo, acima de tudo, de saber massajar o inflamado ego do Presidente português, a quem chamou, entre outros mimos, "camarada de luta."

***

O homem no epicentro deste tufão, Rui Fernando Pereira Mateus de seu nome, nasceu na Covilhã, como se disse, em Abril de 1944, não sendo, de modo algum, um "borra-botas", pelo menos na acepção classista com que este termo é geralmente usado. Seu pai era um comerciante daquela cidade que se associou a uma empresa de tecelagem que, graças à nossa adesão à EFTA e mercê da sua actividade exportadora, conheceu grande prosperidade. Rui cresceu então num ambiente burguês da classe média salazarista, sendo seu pai um católico devoto e, em jovem, militante na Legião Portuguesa, o que não impediu Rui de, no final dos anos 50, conviver com os oposicionistas covilhanenses, uns próximos do PCP, outros velhos republicanos. Como era frequente, o irmão mais velho de Rui foi estudar para Lisboa, pois na Covilhã o liceu local não ia além do segundo ano. Rui quis seguir-lhe no encalço, mas, entretanto, o liceu da Covilhã aumentou a sua oferta lectiva, o que o fez permanecer na casa paterna até aos 17 anos, não sem antes se ter envolvido numa briga de rapazes com o filho de um deputado da União Nacional e, na mesma linha anti-regime, de ter acompanhado a caravana do candidato Humberto Delgado naquela terra serrana.

Aos 17 anos, e seguindo as pisadas do irmão mais velho, obteve uma bolsa do American Field Service (AFS) para estudar e viver com uma família norte-americana em Cedar Rapids, no coração do Iowa, Médio-Oeste profundo. Foi, muito provavelmente, a experiência mais marcante e formativa da sua vida, através da qual se familiarizou com a língua inglesa, um trunfo precioso na sua carreira política futura, e, mais do que isso, pôde conhecer as delícias de viver num país democrático, livre e desenvolvido. Pela TV, assistiu, fascinado, à campanha presidencial de John Kennedy, em 1961, e, no ano seguinte, pôde mesmo conhecê-lo – ou, melhor dito, apertar-lhe a mão – no decurso de uma recepção nos jardins da Casa Branca, que a Presidência organizava todos os anos para os bolseiros finalistas do American Field Service. A par de Olof Palme e Leopold Senghor, diz Rui, Kennedy tornar-se-ia uma das principais figuras de referência dos seus verdes anos, datando daí, também, uma especial atracção e ligação aos EUA, a qual, no pós-25 de Abril, acabou por revelar-se decisiva para Mário Soares e para os socialistas portugueses. O AFS cumpria, assim, um dos seus objectivos, particularmente nos tempos da Guerra Fria: projectar o poder e a influência da América e formar jovens quadros empenhados na defesa do Ocidente, dos seus valores e do seu modo de vida.

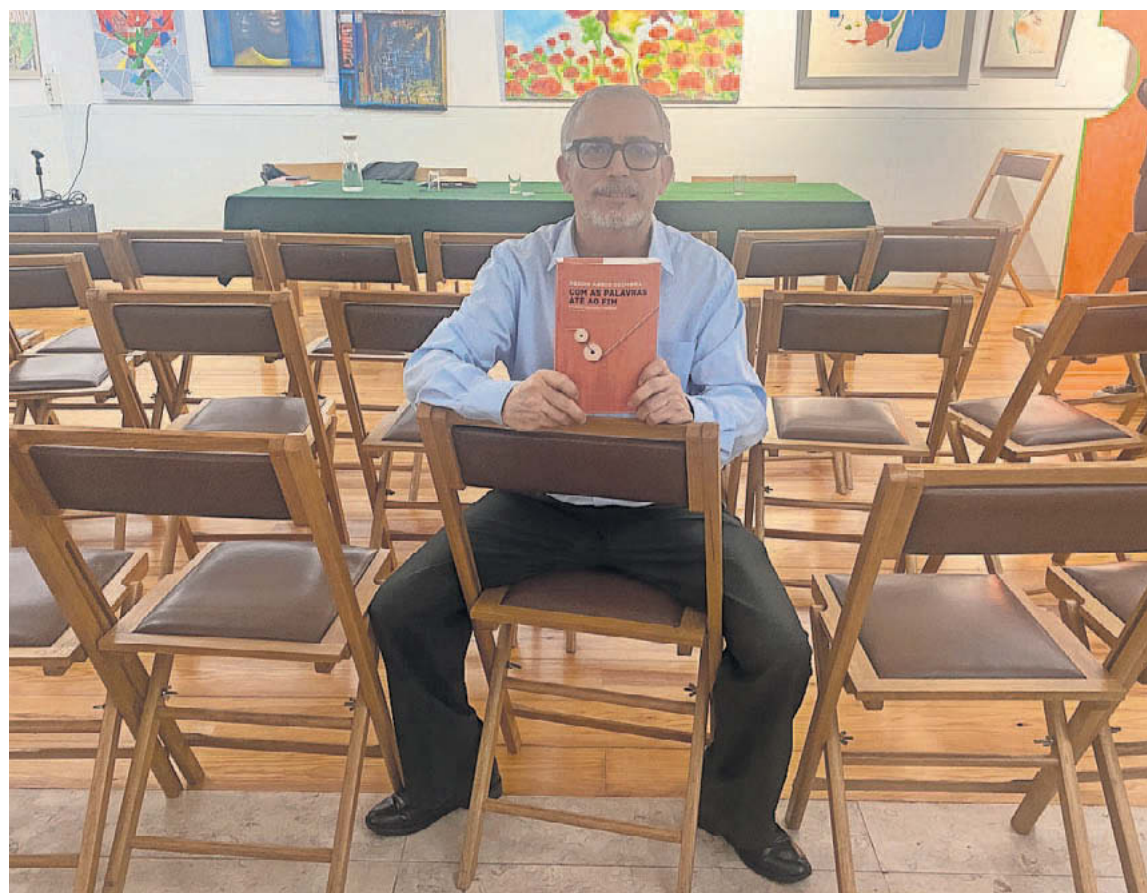
Chegada a idade de ir à tropa – e não querendo permanecer mais nos EUA, para evitar, segundo diz, ser chamado à guerra do Vietname –, Rui veio fazer a inspecção a Portugal, mas logo a seguir obteve uma salvífica autorização para viajar até Inglaterra, de onde não regressou. Fugido às guerras, a do Vietname e a de África, conviveu de perto com os grupos oposicionistas da capital britânica, os quais tinham no jornalista António Figueiredo a sua figura mais emblemática e tutelar. Graças aos contactos deste no Partido Trabalhista, Mateus pôde lançar, no início de 1970, o primeiro núcleo organizado da Acção Socialista Portuguesa (ASP) em Londres, trabalho em que se envolveu em conjunto com Alberto Lagoa, Carlos Alves, Pedro Ferreira de Almeida. Eduardo Silva e, mais tarde, Áurea Rego, José Neves e Seruca Salgado. Entretanto, a ASP ia urdindo a sua teia: em Roma, Tito de Morais e Gil Martins; em Paris, Mário Soares, Francisco Ramos da Costa, Coimbra Martins, Liberto Cruz e, mais tarde, Jorge Campinos; na Bélgica, Bernardino Gomes; na Suíça, Fernando Loureiro; na Alemanha, Carlos Novo, Desidério Lucas do Ó, Carlos Queixinhas e Gomes Pereira.

Em 1972, Rui Mateus foi viver para a Suécia, onde lançou um núcleo da ASP junto dos metalúrgicos da construção naval dos estaleiros da Kockums. Foi lá também que conheceu a sua mulher, Gunilla, a quem, aliás, dedicaria *Contos Proibidos* ("À Gunilla, inimiga da hipocrisia e companheira de uma vida"), como foi na Suécia que iria concluir a sua licenciatura em Ciências Sociais e Políticas, já depois do 25 de Abril e na Universidade de Lund. As notícias da revolução apanham-no, de resto, de carro a meio caminho entre Malmöe e Lund. Nesse dia faltou às aulas e andou numa roda-viva entre as novas da rádio e da TV e telefonemas frenéticos para os socialistas portugueses dispersos pela Europa, ligando para Tito de Morais em Roma, para Ramos da Costa em Paris, para Fernando Loureiro na Bélgica. Este dir-lhe-ia que "andavam todos à procura do Mário" e o Mário, que estava pela Alemanha, lá apareceu – meteu-se num comboio via Paris, com Tito de Morais e Ramos da Costa, e no dia 28 desembarcou em Santa Apolónia, como reza a História.

Com pouco relevo moral, já que de moral teve pouco ou nada, e escasso interesse político, já que hoje tudo está morto, ou quase, *Contos Proibidos* reveste-se, sobretudo, de um indiscutível valor histórico, mesmo que descontemos, e muito, o facto de ter sido escrito como gesto de vingança, sendo, por isso, um livro naturalmente parcial e enviesado.

Um ano antes, e como é sabido, numa estância termal da Renânia, Bad Münstereifel, fora fundado o PS, Rui Mateus esteve lá, figurando hoje como militante-fundador do Partido Socialista, com o n.º 43. A única mulher presente, Maria Barroso, votou em representação de Salgado Zenha, personalidade que, como é sabido, viria a entrar em rota de colisão com Soares, mas a que Mateus não poupa elogios, desde logo por se ter apercebido, muito antes do secretário-geral do PS, que era impossível uma plataforma unitária com os comunistas, como a questão da unicidade sindical exemplarmente mostrara. Rui Mateus situou-se sempre, segundo o próprio, numa linha europeísta, atlantista, pró-americana, favorável à NATO e à CEE, tendo por modelo a social-democracia nórdica, onde crescera e se formara. Em 1975, foi convidado a integrar o Departamento de Relações Internacionais do PS e, em Outubro de 1976, foi eleito para a sua Comissão Nacional e para o Secretariado Nacional, assumindo o pelouro das Relações Internacionais, que manteve até Junho de 1986. De caminho, foi co-fundador das fundações José Fontana e Azedo Gneco e da Fundação para as Relações Internacionais, instrumentos essenciais de canalização de fundos e outros recursos para o Partido Socialista. Sucessivamente eleito deputado em 1979, 1980, 1983 e 1985, presidiu à comissão parlamentar de Integração Europeia e foi co-presidente da comissão Assembleia da República/Parlamento Europeu. Não tendo ascendido a MNE, como era eu intuito, foi, ainda assim, presidente do conselho directivo da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, entre 1985 e 1988, e, em 1986, sucedeu a Soares na presidência da Fundação para as Relações Internacionais. No ano seguinte, foi um dos oito sócios fundadores da Emaudio – Sociedade de Empreendimentos Audiovisuais (ao lado de João Soares, Almeida Santos e Carlos Melancia, entre outros), empresa onde estoirou a bronca do "fax de Macau", que o levaria a ser condenado a prisão. Depois, zangou-se, publicou um livro, prometeu publicar um outro, e a seguir esfumou-se.

**Prova de vida (47) faz parte de uma série de perfis*

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.

Joaquim Pimpão

"Muitas vezes sinto que, e não o faço de propósito, há alguma estrutura dos textos poéticos que vem mais do húngaro do que do português"

VIDA *Com as Palavras Até ao fim* (Blue Book) é o novo livro de poesia de Pedro Assis Coimbra, pseudónimo literário de Joaquim Pimpão, um português que vive há décadas em Budapeste, onde é delegado do AICEP. O lançamento foi em Lisboa e o DN conversou com o autor sobre poesia, e também sobre a experiência de vida na Hungria, onde chegou em 1979.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Quem ler os poemas de Pedro Assis Coimbra, o seu pseudónimo literário, tem alguma pista de que o autor é um português que viveu mais de metade da vida na Hungria?
De facto, não será fácil chegar lá. Tem de ler e depois tem de encontrar algumas confissões metidas em alguns dos textos poéticos. Mas são poucas as pistas.

Então, e sendo fluente em húngaro, uma língua bem distinta do português, nem sequer da família indo-europeia, portanto com uma estrutura completamente diferente, usá-la no seu dia a dia afeta a forma como escreve a sua poesia?
Muitas vezes sinto que, e não o faço de propósito, há alguma estrutura dos textos poéticos que vem mais do húngaro, do que do português. Como penso trazer alguma novidade, aproveito, confesso. Mas devo dizer que, ao contrário de muitos outros, depois de 45 anos a viver na Hungria, continuo a pensar em português.

Se tivesse de me dizer o nome de dois ou três poetas portugueses que admira, quais seriam?
Eugénio de Andrade, Herberto Helder, Ruy Belo. Mas não consigo ficar por aqui. António Ramos Rosa, Sophia, Natália.

E poetas húngaros preferidos?
O Ady Endre e o József Attila.

Estão traduzidos para português?
Sim, sim. Pelo Ernesto Rodrigues, que é o português que conhece melhor a literatura húngara. Somos amigos há muito tempo e, por isso, sou suspeito, mas é uma referência, um verdadeiro tesouro do conhecimento da literatura húngara. Um grande tradutor, poeta e escritor.

Há esta vida sua, a de poeta, que o fez vir agora a Portugal lançar mais um livro – *Com as Palavras Até ao Fim*. Mas Pedro Assis Coimbra é, na realidade, Joaquim Pimpão, o delegado do AICEP em Budapeste. Como foi parar à Hungria?
Eu era um jovem, de família bastante humilde, mas também um jovem com capacidades, com o 25 de Abril um dirigente de algum destaque na UEC no Distrito de Santarém, e fui parar à Hungria com uma bolsa do PCP, que era então o meu partido. Fui estudar Economia Internacional. Lá fiquei. Depois fiz amizade com o embaixador português que lá estava, e os encontros eram no Gerbeaud, famoso café em Budapeste. Comemos o bolo da casa, um *cappuccino*, e ele pagou. Na segunda vez, pedimos o mesmo e fiz questão de pagar, claro. E lá se foi um quarto da bolsa. Ele percebeu e partir dai, quando era vez dele pagar, era à grande, quando era a minha vez, bebíamos eu e ele um cafezinho. Foi assim que nasceu uma boa amizade.

Como se chamava esse embaixador?
Zósimo Justo da Silva. Uma espécie de padrinho. Foi ele que me pôs na AICEP, em 1988.

Isso foi um ano antes da queda do Muro de Berlim, e de todas as transformações na Europa de Leste, que também afetaram a Hungria. Como viu essa transformação radical na Hungria, a passagem do comunismo para a democracia?
Eu cheguei à Hungria como jovem comunista, mas, com o tempo, percebi que eram quase todos anticomunistas. Era um regime mais repressivo do que o Portugal de Salazar em que eu tinha nascido. Os meus amigos, jovens universitários, até mais do que anticomunistas, eram antirrussos. Fui de choque em choque e pensei: como é que é possível? Os tipos da juventude comunista, a KISZ, eram insuportáveis carreiristas. Eram aquilo que no Liceu de Santarém chamaríamos uns queques. E os cantores de intervenção lá, o equivalente aos nossos Zecas, Zé Mários, Vitorinos, Adrianos, eram ao contrário, cantavam pela liberdade contra o regime comunista. Um deles, Presser Gábor é quase meu vizinho. Houve outra coisa essencial no meu despertar, que foi o cinema húngaro. Com um humor muito próprio. Um cinema de combate.

Está a dizer que a Hungria era comunista por imposição dos soviéticos?
Sim. Era por obrigação. Por imposição dos soviéticos. Apesar de o partido ter uns 880 mil membros, que acreditavam tanto no comunismo como eu em Deus. Mas aquilo só implodiu porque a União Soviética implodiu.

Há uma terceira vida sua, mais efémera, que foi a de correspondente de jornais. Como aconteceu?
Um dia os Sub-16 portugueses foram jogar futebol à Hungria. E fiz de tradutor. E o Rui Santos, d'*A Bola*, o hoje famoso Rui Santos, até me entrevistou. Um dia o meu pai estava na taberna na nossa aldeia, Amiais de Baixo, e dizem-lhe que o filho tem uma entrevista n'*A Bola*. Depois, durante uns 8-9 anos, escrevi para *A Bola* e assinava Fernando Lopes, que são os meus nomes do meio. Também conheci o nosso amigo comum, o já falecido Carlos Santos Pereira, um grande repórter, do *Expresso*, e que me convidou para correspondente do *Público* quando foi lançado. Aí assinava como András Gellei. Quando o Carlos saiu eu também desisti.

Casou-se com uma húngara. Sei que tem três filhas e um filho. São bilingues?
Sim, sempre fiz questão de lhes passar a língua e cultura portuguesas. Falam muito bem português. E quando joga a seleção de futebol, somos todos por Portugal.

Está a apresentar o livro em Lisboa, aqui na Associação 25 de Abril, e Portugal está a celebrar os 50 anos de democracia. Hoje há muitas críticas à Hungria, acusada de ser uma democracia iliberal por culpa do primeiro-ministro Viktor Orbán, que aliás, na juventude, foi um dos protagonistas da revolta democrática contra o comunismo. Sente-se livre na atual Hungria?
Eu, na Hungria, em Budapeste, não me sinto nada preso. Lamento a evolução política da Hungria e, sobretudo, tenho pena do que aconteceu a uma personagem incontornável da História húngara, o que ela foi e para onde evoluiu. Agora essa coisa de dizer que não há liberdade das pessoas, isso não é verdade. Ninguém, entre os muitos amigos, sente essa suposta falta de liberdade. Cada um diz o que quer.

Voltando à poesia. Se lhe pedisse para explicar a temática, qual seria?
É poesia de amor, com algum erotismo a acompanhar. E, ao mesmo tempo, tento ser inovador na crítica social. Usar palavras simples. Vivo e estou atento ao mundo que me rodeia.

Mulher com mar no olhar

Mulher com a água fresca da sua fonte/que traz o cheiro do mar no seu olhar./Na festa do amor cabe tudo que faça bem/e muito mais, tudo o que não seja inocente.

Caminhar para no final da aventura/descansarem os dois de olhos abertos./Por debaixo da reconstrução da noite/dos vestidos transparentes da cidade.

Com a tua pele desenhada a quente/no veludo fino dos nossos desejos./O que é amar e sobreviver ao amor/sem acordar juntos na manhã seguinte?

PEDRO ASSIS COIMBRA

Entre as imagens
João Lopes

O que é a literacia visual?

A obra do cineasta Ruben Östlund não será um modelo de rigor formal ou complexidade narrativa, ainda menos de riqueza temática. Para mim, entenda-se: afinal de contas, é verdade que *Triângulo da Tristeza* (2022), uma "parábola" sobre a degradação moral dos ricos, me parece um exercício de inconsequente e demagógico barroquismo, mas não é menos verdade que foi apoteoticamente celebrado nos mais diversos quadrantes, arrebatando mesmo uma Palma de Ouro em Cannes (foi a segunda para o realizador sueco, cinco anos passados sobre idêntica proeza conseguida com o banalíssimo *O Quadrado*).

Enfim, os meus juízos de valor sobre o trabalho de Östlund são para ele irrelevantes. Nem sequer existem – e ainda bem. Ao mesmo tempo, isso não me impede – faço-o mesmo com muito gosto – de aqui sublinhar algumas sugestivas declarações que ele prestou ao jornal inglês *The Guardian* (12 abril), declarações que, como faz sentido dizer, mão amiga me deu a conhecer.

Que se passa, então? Pois bem, Östlund propõe uma via francamente original para resumir o problema da responsabilidade das imagens. Ou melhor, da responsabilidade de cada um através das imagens que produz ou difunde. A proposta é de tal modo surpreendente que a jornalista, Catherine Shoard, antes mesmo de contextualizar a conversa, não resiste a abrir o seu artigo deste modo direto e contundente: "Tenho uma ideia", diz Ruben Östlund. "E se cada pessoa só fosse autorizada a usar uma câmara se tivesse uma licença para o fazer? É preciso uma licença para ter uma pistola – em países sofisticados, pelo menos. A câmara também é uma ferramenta poderosa."

Eis o que me basta para celebrar a energia das suas palavras. Claro que os menos interessados em enfrentar a questão premente da responsabilidade audiovisual serão rápidos a descartar o assunto. Farão mesmo aquilo que todos os dias vemos (e ouvimos) nos mais medíocres debates televisivos. A saber: reduzir as frases a um conteúdo literal e brincar com coisas sérias – "Vamos, então, precisar de uma licença do Ministério da Defesa de cada vez que compramos um telemóvel?" O resultado de tão excelsa estupidez é conhecido: evitar lidar com as formas de poder social, nomeadamente mediático, das imagens.

***Blow-up* (1966): David Hemmings na guerra das imagens.**

O assunto está muito longe de se esgotar na discussão de um qualquer dispositivo legalista capaz de apaziguar a nossa perturbação – como se, por exemplo, o alcoolismo de muitos jovens fosse um problema solucionável através dos horários de venda das lojas de conveniência… O que está em jogo, antes mesmo da avaliação do que é (e, sobretudo, do que não é) a atual educação para as imagens, enraíza-se no sistema de relações com as imagens proposto (mais do que isso: imposto) pelos valores sociais dominantes, incluindo os que decorrem das convulsões tecnológicas.

A palavra "educação" deve, aliás, ser repetida e reforçada, quanto mais não seja porque a esmagadora maioria dos elementos das classes políticas, direitas e esquerdas confundidas, continua a não ter qualquer ideia sobre o assunto, satisfazendo-se com a gestão dos tempos em que cada um pode perorar nos ecrãs televisivos. Celebrado, muito justamente, como um clássico da reflexão sobre o entendimento das imagens, o filme *Blow-up* (1966), de Michelangelo Antonioni, possui uma renovada e perturbante atualidade: tal como o fotógrafo interpretado por David Hemmings, sabemos ou, pelo menos, pressentimos que a dialética de revelação/ocultação em que vive uma imagem é sempre um sistema de poder – de muitos poderes.

Educar para as imagens não será, por isso, acumular referências enciclopédicas, muito menos pitorescas, nas cabeças de crianças e adolescentes que vivem como se o seu telemóvel contivesse o mundo todo. Lembremos, a propósito, a breve e magnífica exposição de Martin Scorsese, registada em 2012 para o *site* da Edutopia (também canal do YouTube), a Fundação para a Educação criada por George Lucas em 1991: "É preciso começar a ensinar os mais novos, em tenra idade, a formar um pensamento crítico sobre as imagens, o que elas significam e como interpretá-las. É preciso compreender como as ideias e emoções são expressas através de uma determinada linguagem visual. É preciso começar a ensinar os mais novos sobre o uso de tão poderoso instrumento."

Pensar a nossa condição de espectadores é também questionar a responsabilidade de quem produz imagens."

O tema era (e é) de uma dramática urgência: discutia-se a literacia visual, quer dizer, a diferença entre saber ver imagens ou ser massacrado pela sua quotidiana instrumentalização mediática. Não se confundirá com as balas da pistola que Östlund refere, mas não tenhamos ilusões: é aí que se trava a grande guerra cultural do nosso presente.

Jornalista

Arte a alta velocidade

CARROS Foi apresentado, em Paris, o mais recente projeto da BMW Art Cars. À 20.ª edição a marca alemã convidou a artista afro-americana Julie Mehretu para que intervencione os automóveis que vão competir nas *24 Horas* de Le Mans.

TEXTO **FILIPE GIL**, EM PARIS*

Roy Liechenstein, Andy Warhol, Jeff Koons, David Hockney e Olafur Eliasson têm em comum não só serem artistas reconhecidos, mas todos, a certa altura, pintaram um carro. Sim, modelos especiais a convite da BMW. Tudo começou em 1975 quando o escultor Alexander Kalder fez a sua intervenção num BMW 3.0 CSL – a ideia partiu do ex-piloto francês Hervé Poulain, que sempre defendeu que o automobilismo e as artes deviam estar ligados.

Desde então, o projeto Art Cars da BMW não parou de convidar nomes importantes da arte contemporânea: os nomes indicados no início deste texto são apenas alguns de um total de 20 artistas que nos últimos 40 anos, já colocaram a sua criatividade em modelos especiais da marca alemã.

A mais recente intervenção da Art Cars foi apresentado esta semana em Paris. No Centro Pompidou (que irá fechar em 2025 para obras de renovação que irão durar cerca de cinco anos), foi apresentada a intervenção artística criada pela pintora Julie Mehretu num M Hybrid V8, automóvel que vai competir na próxima edição das *24 Horas* de Le Mans (a 15 de junho) na categoria de *hypercars* conduzido pelos pilotos Sheldon van der Linde, Robrin Frijns e René Rast – como nota, em pista os veículos podem atingir velocidades máximas de 330km.

No *hall* da entrada do museu, centenas de convidados e jornalistas de várias partes do mundo estiveram presentes para ver em primeira mão o trabalho criativo de Mehretu. A artista explicou que usou a cor e a forma da sua pintura *Everywhen* (2021-2023) – atualmente em exibição em Veneza - como ponto de partida para a pintura que fez no M Hybrid V8. Um processo altamente detalhado para que nada da intervenção seja um obstáculo para a *performance* dos automóveis em pista – e seguindo as normas da Federação Internacional Automóvel (FIA).

Segundo Mehretu o seu desenho foi desenvolvido com o seu traço característico (grelhas de pontos e cores fluorescentes) através de tecnologia 3D e com modelos em menor escala e depois transposto para os modelos que vão correr em Le Mans. "A intervenção no carro não terminou com a minha pintura, só ira cessar quando os carros terminarem a sua corrida em Le Mans, com todas as marcas que a corrida vai acrescentar nos veículos."

A americana nascida em Adis Abeba

A pintora abstrata nascida na Etiópia, em 1970, é uma das mais aclamadas da pintura contemporânea. Mudou-se com a família para Nova Iorque quando tinha 7 anos, atualmente vive entre aquela cidade dos EUA e Berlim.

Mehretu tem recebido vários prémios nos últimos anos, tendo as suas obras sido exposta em diversos museus nos Estados Unidos (Los Angeles, Michigan, Atlanta e Minneapolis) e na Europa (Veneza). A artista é membro da Academia de Artes e Letras dos EUA.

As colaborações da artista não se ficam pela intervenção no automóvel. Numa conferência de imprensa, ainda em Paris, no dia seguinte ao desvendar da pintura de Julie Mehretu, foi anunciado o seu apoio a uma série de *workshops* para realizadores africanos em várias cidades de África, em parceria com a produtora etíope (nomeada para um Emmy) Mehret Mandefro, e que irá culminar com uma exposição conjunta no Museu Zeitz, na Cidade do Cabo, na África do Sul, em data a anunciar.

Até lá, podem ver a arte de Julie Mehretu em alta velocidade na próxima edição das *24 Horas* de Le Mans.

**O jornalista viajou a convite da BMW*

O desenho foi desenvolvido com o traço característico de Mehretu através de tecnologia 3D e com modelos em menor escala e depois transposto para os modelos que vão correr em Le Mans.

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAES PORTUGUESES

Diario de Noticias

OS REIS DE ESPANHA EM BARCELONA

O Palacio de Pedralves

O ORPHEON ACADEMICO DE LISBOA

UM CRIME MONSTRUOSO EM SANTAREM

A FESTA DA FLOR

OS REIS DE ITALIA

FOLHETIM SENSACIONAL

O DIAMANTE VERDE

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 26 DE MAIO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

NA ESCOLA PROFISSIONAL DE SANTA CLARA

UMA INTERESSANTE EXPOSIÇÃO DE LAVORES

Como a mocidade se valoriza pelo trabalho

Uma obra educativa digna de aplauso

Uma geração que desponta,
crianças hoje,
mulheres amanhã,
preparando a alegria,
o conforto
e a beleza dos seus lares

As educandas Irene da Silva Pontes e Lina de Matos Veiga fazendo tapetes de Arraiolos — As alunas da escola numa parada de gimnástica

Na Escola Profissional de Santa Clara, estabelecimento de educação a cargo da Assistencia Publica, inaugurou-se ontem de tarde uma interessante exposição de trabalhos manuais—bordados, flôres, etc, confeccionados pelas respectivas educandas.

Sob a presidencia do sr. ministro do Trabalho, dr. Lima Duque, secretariado pelo sr. Alfredo Soares, director da Casa Pia de Lisboa, realizou-se uma pequena festa que começou por alguns numeros de gimnastica sueca, executados por um grupo de internasdas. Seguiram-se canções, recitações de versos dos nossos melhores poetas, córos, etc, um harmonioso conjunto de vozes, que a assistencia aplaudiu com merecido entusiasmo.

Uma vez executado o programa, a directora da Escola, sr.ª D. Luiza Moreira, agradeceu em breves palavras a presença do sr. ministro do Trabalho e das outras entidades que haviam comparecido, e testemunhou igualmente a sua gratidão ás professoras e a todo o pessoal sob as suas ordens, pelo auxilio que lhe têm prestado, colaborando com ela na santa cruzada de dirigir aquela instituição de beneficencia.

Por fim, o sr. dr. Lima Duque e os assistentes passaram ás salas onde estavam expostos os trabalhos executados e nas quais se admirava grande numero de bordados em colchas, almofadões, etc., pendendo, tambem, das paredes alguns tapetes—genero Arraiolos,—tudo confeccionado pelas educandas. Foi muito apreciada uma colcha de organdi bordada a branco, que obteve o 1.º premio na exposição de bordados da firma Grandela, Ltd.ª, e que ontem foi adquirida por 2.000 escudos.

Actualmente encontram-se internadas na Escola 115 meninas, a mais velha de 17 anos de idade e a mais nova, Mariana Serodia, de seis.

A exposição continua hoje e terminará, naturalmente, no sabado proximo.

A APROXIMAÇÃO LUSO-BRASILEIRA

O ORPHEON ACADEMICO DE LISBOA

VISITARA' O BRASIL NO PROXIMO MÊS DE AGOSTO

Os estudantes portugueses atravessarão o Atlantico para levarem ás terras de Santa Cruz, os sons plangentes das guitarradas e as saudosas evocações dos nossos cantares regionais

Herminio do Nascimento

O Orpheon Academico de Lisboa vai visitar o Brasil. E' a primeira vez que as nossas capas negras, «rôtas», «velhinhas», atravessam a imensidade do oceano, para—num abraço fraternal e amigo—cingirem a mocidade das escolas brasileiras.

E que de sentimentalismo requintado existe nessa alegre viagem de rapazes!

Como outróra, aí vão os portugueses, desejosos de levar ao Brasil qualquer coisa de inedito, qualquer coisa de muito seu—outróra a sua bandeira gloriosa—hoje a sua alma, toda emoção, na beleza das suas canções regionais, no seu ternissimo fado.

O canto coral está sendo desenvolvido com o maior carinho em todos os paises, que têm pela sua arte um verdadeiro culto—não falando na França, na Espanha, onde existe o celebre orpheon da Catalunha—como no pequeno país, que é a Servia, onde se conhecem nove magnificos orpheons.

No Festival Internacional de Musica que actualmente se esta realizando na Tcheco Slovaquia e constitui uma das maiores manifestações musicais do mundo e de todas as épocas, o canto coral encontra-se, larguissimamente, representado.

E', portanto, para louvar, a criação do Orpheon Academico de Lisboa, que provou existir da parte da Academia da capital um verdadeiro espirito de renovação e solidariedade.

Do Orpheon Academico de Lisboa é o seu dedicado regente, Herminio do Nascimento, artista de grande nome, professor do Conservatorio Nacional de Musica, que nos fala—digamo-lo de passagem—um pouco envaidecido pela sua obra. Que o maestro Nascimento nos perdôe a inconfidencia.

—O Orpheon—começou o nosso entrevistado—para a constituição do qual se fizera uma activa propaganda, durante uns quatro anos, teve uma apresentação verdadeiramente brilhante, na sala do S. Carlos. E' claro—observou Herminio do Nascimento—que este elogio se não dirige a mim, visando, sómente, a conduta e disciplina dos rapazes, mercê das quais se obteve tamanho exito.

—A viagem ao Alentejo e ao Algarve?

—Foi uma excursão coroada de triunfos, em que—caso não muito vulgar nas excursões de estudantes—houve um saldo bastante razoavel, o que, de certo modo, prova o entusiasmo com que fomos recebidos.

«Afirmo-lhe, tambem, que a maneira como o Orpheon cantou Palestrina, Moniusko e Mendelssohn foi tudo o que ha de mais excepcional, pela sobriedade artistica imprimida ás obras destes mestres. Com que carinho e calor foram cantadas as canções portuguesas! E que de leveza se emprestou ao lindo coral de Armando Leçal. A impressão produzida nas cidades, onde o Orpheon se fez ouvir, foi tal, que são inumeros os pedidos de colaboração para festas de beneficencia, de acentuado cunho artistico. Decididamente o Orpheon Academico de Lisboa ocupa um belo lugar no nosso meio de arte.

—E a organização interna?

—Magnifica. A dedicação dos rapazes é extraordinaria, tão grande mesmo que, não obstante a tendencia dispersiva do meio, a assistencia aos ensaios é enorme.

—Fala-se numa viagem ao Brasil...

—O Orpheon parte para o Rio de Janeiro no proximo mês de Agosto, depois de terminada a época de exames de Julho.

«A ideia da excursão teve o melhor acolhimento em todos os meios, tendo varias individualidades oferecido os seus préstimos para a realização da viagem. As companhias de navegação disputam a honra de transportar ao Brasil o Orpheon Academico de Lisboa. Os oferecimentos, que nos têm sido feitos, são de tal ordem, que nos permitem efectuar a excursão sem que do Estado solicitemos mais que aquelas facilidades e protecção que são de uso conceder-se em viagens desta natureza.

—Mas devem ser enormes as dificuldades a vencer...

—Alguem, cujo patriotismo, mais uma vez, se prova, pôs á disposição do Orpheon os creditos necessarios para a realização da viagem.

—Como foi acolhida a ideia no Rio de Janeiro?

—Os jornais brasileiros já se referiram á ida do Orpheon, afirmando o grande entusiasmo que a noticia despertou.

—E o programa dos concertos?

—Levamos ao Brasil, sobretudo, musica portuguesa, que decerto arrebatará os brasileiros e avivará saudosas recordações na alma da colonia portuguesa.

«Com elementos do Orpheon, organisamos uma tuna, que irá lembrar ás terras de Santa Cruz, os sons plangentes das guitarras portuguesas.

«O orpheon está completando o seu repertorio com uma cantata de António Eduardo Ferreira, uma composição inédita de Freitas Branco e algumas paginas de Viana da Mota.

—O Orpheon toma parte nas festas da semana de Camões?.

—Desempenha, mesmo, um lugar de destaque, fazendo-se ouvir na sessão solene da Camara Municipal e no sarau de gala, em S. Carlos, para o que está ensaiando as tres primeiras estancias dos Lusiadas, musicadas por mim.

O Orfeão Academico de Lisboa

Associações de militares querem reunir com Nuno Melo

DEFESA Estruturas reivindicam serem ouvidas na revisão do regime de salários em vigor, que desde 2009 não é alvo de discussão, só de "remendos", dizem.

As associações de sargentos, oficiais e praças das Forças Armadas aprovaram ontem uma moção por unanimidade para entregar ao ministro da Defesa Nacional, Nuno Melo, por quem esperam ser ouvidos em breve, sobre remunerações e carreiras.

Esta posição foi transmitida em conferência de imprensa, na Academia de Santo Amaro, em Lisboa, no fim de uma reunião organizada pelas direções da Associação Nacional de Sargentos, Associação de Oficiais das Forças Armadas e Associação de Praças, sobre as suas condições socioprofissionais. "Assistimos a diversos setores profissionais a negociar com as respetivas tutelas, desde a Educação à Saúde, à Segurança e outros, à Justiça, e com os militares aquilo que ouvimos foi o senhor ministro da Defesa dizer que estaria reunido com o senhor ministro das Finanças e com as chefias militares", lamentou o presidente da Associação Nacional de Sargentos (ANS), que falou em nome das três associações.

Na sexta-feira da semana passada, tal como o DN noticiou, numa reunião do Conselho Superior Militar, presidido pelo ministro da Defesa Nacional, Nuno Melo, foram identificadas as medidas legislativas necessárias para equiparar as remunerações das Forças Armadas às Forças de Segurança.

Agora, o líder da ANS, António Lima Coelho, salientou que "as associações socioprofissionais de militares têm uma lei própria que as reconhece" e considerou que "quer a tutela política, quer as chefias militares tardam em perceber o alcance desta lei e integrar as associações profissionais na discussão dos problemas socioprofissionais".

As associações de militares reivindicam, "desde logo, a revisão de um regime remuneratório que está em vigor desde 1 de janeiro de 2010 e que ,desde 2009, não é discutido, com pontuais remendos aqui e ali", bem como "um desenvolvimento de carreiras que tarda em ser uniforme e, sobretudo, matérias que tragam atratividade e retenção", referiu.

DN/LUSA

Leclerc na *pole* para a corrida "em casa"

O piloto Charles Leclerc (Ferrari) conquistou ontem a *pole position* para o Grande Prémio do Mónaco de Fórmula 1, oitava prova da temporada. Bateu o neerlandês Max Verstappen (Red Bull) pela primeira vez no principado onde nasceu. Leclerc fez a sua melhor volta em 1.10,270 minutos, ficando à frente do australiano Oscar Piastri (McLaren) por 0,154 segundos, e do espanhol Carlos Sainz (Ferrari), o terceiro mais rápido – ficou a 0,248". "É bom [conquistar a *pole*], mas a qualificação não é tudo. Não consegui fazer com que as coisas corressem bem nos últimos anos, mas estou confiante", disse Leclerc.

NICOLAS TUCAT / AFP

BREVES

Marcelo alerta para a "falta de coesão social"

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, classificou ontem como um problema grave a "falta de coesão social" que persiste em Portugal 50 anos depois do 25 de Abril. Marcelo falava na sessão de encerramento do *Congresso do Centenário da Confederação Portuguesa de Coletividades de Cultura, Recreio e Desporto*, no Fórum Municipal Luísa Todi, em Setúbal, tendo enaltecido o papel destas instituições na sociedade portuguesa em vários momentos de crise. "É um problema grave, e é grave por isto: porque toda a dinâmica associativa, todo o espírito de liberdade e de participação podem ser insuficientes se se acentuarem as clivagens entre os mais novos e os mais velhos. Entre territórios, dentro de territórios, entre as minorias, que mais têm, e as maiorias que menos têm", disse o Presidente, adiantando que está à vontade para dizer estas palavras porque "é mais depressa um homem de direita do que de esquerda". Marcelo Rebelo de Sousa referiu que os 50 anos do 25 de Abril mostram que Portugal teve mais conquistas do que fracassos, mais vitórias do que derrotas, mas houve uma coisa que se manteve: uma derrota permanente e persistente, a questão da pobreza e da desigualdade. "E essa persistência é um problema da sociedade portuguesa", referiu.

Três detidos a vender bilhetes para Taylor Swift

Três pessoas foram detidas por tentarem vender bilhetes para os concertos da cantora norte-americana Taylor Swift em Portugal com um valor superior ao estipulado, revelou ontem a Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE). Em comunicado, esta organização explica que os indivíduos foram detidos "em flagrante delito, pelo crime de especulação" e ficaram sujeitos a termo de identidade e residência. Serão notificados para comparecer em tribunal. A propósito dos dois concertos de Taylor Swift no Estádio da Luz, em Lisboa, ocorridos na sexta-feira e ontem, a ASAE fez uma operação de fiscalização nos últimos dias, "direcionada à venda de bilhetes, em plataformas digitais, essencialmente redes sociais". Nesta operação, foram ainda apreendidos cinco bilhetes que estavam a ser vendidos nas redes sociais, "com margens líquidas de lucro com valores que oscilavam entre os 120 e 1500 euros por bilhete", segundo o referido comunicado. Taylor Swift atuou pela primeira vez em Portugal, no âmbito da digressão mundial *The Eras Tour*. Os dois concertos em Lisboa tinham bilhetes entre os 62,50 e os 539 euros, mais taxas.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt